

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**BIXIGA: dinâmicas comunicacionais e urbanas
e seus sentidos políticos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

MILENA SANTANA SIGNOR AVELAR

**SÃO PAULO
2019**

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**BIXIGA: dinâmicas comunicacionais e urbanas
e seus sentidos políticos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Luci Pereira

MILENA SANTANA SIGNOR AVELAR

**SÃO PAULO
2019**

Avelar, Milena Santana Signor.

Bixiga : dinâmicas comunicacionais e urbanas e seus sentidos políticos / Milena Santana Signor Avelar. - 2019.

91 f. : il. + CD-ROM.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2019.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Luci Pereira.

1. Bixiga. 2. Interculturalidade. 3. Ativismo urbano. I. Pereira, Simone Pereira (orientadora). II. Título.

MILENA SANTANA SIGNOR AVELAR

**BIXIGA: dinâmicas comunicacionais e urbanas
e seus sentidos políticos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Conceito Final: _____

BANCA EXAMINADORA

_____, ____/____/____

Profa. Dra. Simone Luci Pereira
Universidade Paulista - UNIP

_____, ____/____/____

Prof. Dr. Paolo Demuru
Universidade Paulista - UNIP

_____, ____/____/____

Prof. Dr. Martin de la Cruz López Moya

Centro de Estudios Superiores de Mexico y Centroamérica - CESMECA - UNICACH

*Dedico este trabalho aos meus filhos, responsáveis pela minha vontade de aprender
e pela minha busca constante de tornar-me uma pessoa melhor.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar forças e me manter na fé e no equilíbrio, em busca de discernimento e sabedoria.

Aos meus filhos, que são à razão dos meus medos e inseguranças, mas principalmente, são a força e a motivação que me fazem trabalhar diariamente pela minha evolução.

Ao meu marido, companheiro e cúmplice de uma empreitada longa de lutas, vivências, experiências e conquistas.

Aos meus amigos, que ao meu lado caminham, transmitindo tranquilidade e confiança e perseverança.

Aos professores, Paolo Demuru e Martin Lopez Moya que muito colaboraram no Exame de Qualificação, cujas contribuições tornaram possíveis a finalização deste trabalho.

Ao apoio e suporte da Prof.a Dra. Simone Luci Pereira, exímia pesquisadora e orientadora, sempre disposta a ajudar ao longo desta jornada.

À Universidade Paulista, pela oportunidade.

À CAPES, que me proporcionou bolsa de estudos.

*“Concede-nos Senhor, a Serenidade
necessária para aceitar as coisas que não
podemos modificar.*

*Coragem para modificar aquelas que
podemos.*

*E Sabedoria para reconhecer as
diferenças”*

(autor desconhecido)

RESUMO

Nesta pesquisa, analisamos o bairro do Bixiga (São Paulo/Brasil) sob as noções da interculturalidade e das dinâmicas comunicacionais entre o bairro e seus múltiplos agentes, focalizando nas ações de um grupo/coletivo: a Rede Social Bela Vista. Conjugando formas de atuação em negociação com lógicas institucionais, formais e comunitárias, a Rede mostra-se como um microcosmo ou um ponto de observação importante de lógicas e dinâmicas mais amplas e globais que vêm ocorrendo no bairro do Bixiga na atualidade, entre empreendedorismos, criatividades, economias e práticas culturais alternativas e colaborativas, em seus limites e possibilidades. A pesquisa se inicia com uma compreensão histórica do bairro do Bixiga, em seguida apresentamos o uso de uma metodologia de derivas pela cidade com inspiração etnográfica, finalizando com a análise da Rede Social Bela Vista. Como conclusões, apresentamos que as práticas da Rede nos dão pistas sobre elementos que compõem aspectos da comunicabilidade do urbano, em forma de fluxos de informações, pessoas e sentidos que perpassam a cidade em redes e nós que articulam ativismos pelo direito à cidade, usos e apropriações dos territórios, lógicas de produção e consumo cultural contemporâneo e cosmopolita, identidades, socialidades e modos de estar juntos.

Palavras-chave: Bixiga. Interculturalidade. Ativismo urbano.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

ABSTRACT

In this research, we analyzed the neighborhood of Bixiga (São Paulo / Brazil) under the notions of interculturality and the communication dynamics between the neighborhood and its multiple agents, focusing on the actions of a group / collective: the Bela Vista Social Network. Combining forms of action in negotiation with institutional, formal and community logics, the Network shows itself as a microcosm or an important point of observation of broader and global logics and dynamics that have been occurring in the neighborhood of Bixiga nowadays, between entrepreneurship, creativity, economies and alternative and collaborative cultural practices, within their limits and possibilities. The research begins with a historical understanding of the neighborhood of Bixiga; then we present the use of a methodology of urban derivas with ethnographic inspiration; ending we focus on the analysis of the Bela Vista Social Network. As conclusions, we present that the practices of the Network give us clues about elements that make up aspects of urban communicability, in the form of information flows, people and senses that cross the city in networks and nodes that articulate activism for the right to the city, uses and appropriations of territories, production and cultural consumption logics, cosmopolitanism forms, identities, socialities and ways of being together.

Key-words: Bixiga. Interculturality. Urban activism.

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

RESUMEN

En esta investigación, analizamos el barrio de Bixiga (São Paulo / Brasil) bajo las nociones de interculturalidad y de las dinámicas comunicacionales entre el barrio y sus múltiples agentes, enfocándose en las acciones de un grupo / colectivo Red Social Bela Vista. La Red se muestra como un microcosmos o un punto de observación importante de lógicas y dinámicas más amplias y globales que vienen ocurriendo en el barrio de Bixiga en la actualidad, entre emprendedorismos, creatividades, entre las formas de actuación en negociación con lógicas institucionales, formales y comunitarias, economías y prácticas culturales alternativas y colaborativas, en sus límites, promesas y posibilidades. La investigación se inicia con una comprensión histórica del barrio de Bixiga, a continuación, presentamos el uso de una metodología de derivas por la ciudad de inspiración etnográfica, finalizando con el análisis de la Red Social Bela Vista. Como conclusiones, presentamos que las prácticas de la Red nos dan pistas sobre elementos que componen aspectos de la comunicación del urbano, en forma de flujos de informaciones, personas y sentidos que atraviesan la ciudad en redes y nodos que articulan activismos por el derecho a la ciudad, apropiaciones de los territorios, lógicas de producción y consumo cultural contemporáneo y cosmopolita, identidades, socialidades y modos de estar juntos.

Palabras clave: Bixiga. Interculturalidad. Activismo urbano.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| CPC | Centro de Preservação Cultural |
| LGBTI | Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, trans e intersex |
| MUMBI | Museu Memória do Bixiga |
| ONG | Organização Não Governamental |
| SODEPRO | Sociedade de Defesa e Progresso da Bela Vista |
| USP | Universidade de São Paulo |
| UNIP | Universidade Paulista |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 1 O TERRITÓRIO DO BIXIGA COMO AGENTE..... | 20 |
| 1.1 A pesquisa de campo ditando regras | 40 |
| 2 DERIVAS URBANAS | 47 |
| 2.1 As bases da teoria sobre as Derivas Urbanas | 49 |
| 2.2 O exercício praticado..... | 54 |
| 3 A REDE SOCIAL BELA VISTA..... | 59 |
| 3.1 O primeiro acesso | 62 |
| 3.2 A Casa de Dona Yayá | 70 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 82 |
| 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 88 |

INTRODUÇÃO

O contexto pós-industrial e as sequelas de uma crise iniciada na decadência dos ganhos das grandes indústrias iniciaram uma nova forma de refazer ou supostamente recriar o tecido econômico e urbano (VIVANT, 2012). Esse contexto tem favorecido discursos que enaltecem o indivíduo, o capital cognitivo, a criatividade e a inovação em sentidos difusos que muitas vezes favorecem e acentuam desigualdades sociais e econômicas (PEREIRA, 2017). Nesse cenário, as dinâmicas nas relações interpessoais e nas relações com o território sofrem interferências e são interpeladas por muitas variáveis: mercadológicas, econômicas, políticas e sociais. Essas interferências e interpelações vêm transformando a dinâmica do viver nas cidades.

Antes de definirmos os sujeitos de pesquisa deste trabalho, a possibilidade de analisar um território onde os diferentes se encontram em um mesmo contexto e devem conviver em relações negociadas, conflituosas e com recíprocos empréstimos (CANCLINI, 2009), apontava para o Bixiga como um grande celeiro de práticas e formas de convivências e interações com e dos usos e ativismos na e pela cidade.

Tínhamos em mente uma suspeita inicial de que no Bixiga as dinâmicas comunicacionais acontecessem de maneira mais intensa do que em outros lugares da cidade e acreditávamos que esta suposta intensidade era, em grande parte, pela influência, participações e inserções de agentes externos. Logo no início acreditávamos que frequentadores, consumidores e moradores com um estilo de vida voltados ao consumo cultural, atribuíam às dinâmicas comunicacionais no Bixiga, um ritmo, um fluxo diferenciado quando comparado às outras áreas da cidade. Somente ao mergulharmos no contato com os sujeitos, em uma metodologia que utiliza o corpo como instrumento e medida de apreensão da cidade (JACQUES, 2012; CARERI, 2013; PEREIRA, LÓPEZ-MOYA, 2018), nosso sujeito-objeto de pesquisa nos levou a uma outra forma de analisar e compreender o que estávamos chamando de dinâmicas comunicacionais e, principalmente, nos mostrou que havia um agenciamento e protagonismo maior do próprio bairro como agente.

Em paralelo ao estudo e análises das teorias que sustentariam esta pesquisa, analisamos também outras áreas do conhecimento e verificamos que existia uma grande variedade de estudos sobre o Bixiga e que tais estudos não poderiam ser

ignorados. Seja na História, Geografia ou Arquitetura e Urbanismo, a intensidade e imbricamento na composição do Bixiga, o que atribuímos em grande parte por influência do que Canclini (2009) chama de interculturalidade, aparece nas outras áreas do conhecimento, com base em outras teorias, mas que indiretamente corroboram para um ponto em comum: o Bixiga e seus agentes são um ponto de intersecção em uma rede superconectada e entrelaçada que compõem parte das dinâmicas comunicacionais na cidade de São Paulo.

Compreender as múltiplas dinâmicas existentes nas relações entre moradores, frequentadores, proprietários de estabelecimentos comerciais, casas noturnas, bares, e curadores/responsáveis por equipamentos culturais e o bairro do Bixiga foi o objetivo principal desta pesquisa e deu sustentação aos objetivos secundários que foram se apresentando ao longo deste trabalho. Além de favorecer à compreensão das cidades, a compreensão das dinâmicas comunicacionais entre os múltiplos agentes do bairro do Bixiga também contribui para um melhor entendimento das relações sociais, culturais e urbanas.

Quando afirmamos a importância da compreensão nas múltiplas dinâmicas existentes no Bixiga, dialogamos com Schneck, que afirma:

Para o estudioso da história urbana tão importante quanto compreender o significado do processo de construção do cenário material é compreender as práticas sociais estabelecidas entre os atores que viabilizaram a consolidação do bairro e em que medida suas ações interferiram no meio. Ao privilegiar um determinado território, forçosamente aproximamos nosso olhar dos sujeitos que deram feições ao lugar, mesmo que não seja possível alcançar a totalidade desta ação. (2016, p. 26)

Ao longo das últimas décadas muitos projetos de intervenção no Bixiga foram pensados e realizados. Para Gonçalves (2016), três itens compõem o que a autora chama de inserções, um campo de confronto e que aqui vamos chamar de interações entre os múltiplos agentes do bairro. Estes seriam: a) em primeiro, ações políticas e privadas de renovação do cenário urbano as quais não levam em consideração as potencialidades locais e desrespeitam a complexidade das formações históricas; b) iniciativas de revalorizações das áreas centrais, postas em prática por políticas preservacionistas, predominantemente, públicas mas que em determinados momentos sob relações de parcerias, acabam por privilegiar atividades turísticas e econômicas que resultam em gentrificação e teatralização da vida pública; c)

manifestações sociais locais que em um primeiro momento agem em prol da preservação da memória, das valorizações das tradições enquanto ações de resistências; mas que podem revelar contradições de forma paradoxal que confluem para ações favoráveis ao mercado, como nos dois primeiros exemplos. (GONÇALVES, 2016, p. 23).

O que Gonçalves (2016) alega serem inserções, advindas do campo da Arquitetura e Urbanismo, ao longo dos anos no Bixiga, acreditamos ser fruto da interculturalidade (CANCLINI, 2009), que será melhor explicado nos capítulos desta dissertação: a interculturalidade é o resultado das relações e interações entre diversos agentes com as mais variadas formações, uma análise das culturas em seus pontos de intersecção, no qual tem que negociar sentidos. O que a Arquitetura e Urbanismo acreditou ser de grande valia enquanto componente dos embates e disputas por narrativas ao longo dos anos, identificamos como característicos nos processos e disputas comunicacionais e interculturais na cidade.

Seja na Comunicação ou em outras áreas do conhecimento, as dinâmicas comunicacionais, caracterizadas também como forma de resistência ou como frentes de ações nas grandes cidades (GONÇALVES, 2016) trouxeram à tona, entre outras coisas, as discussões sobre as formas de usos e apreensão das cidades:

O termo “cidade” tem uma história icônica e simbólica profundamente inserida nas buscas de significados políticos. A cidade de Deus, a cidade edificada sobre um morro, a relação entre cidade e cidadania – a cidade como objeto utópico, como um lugar distintivo de pertença em uma ordem espaço-temporal em movimento perpétuo -, tudo isso confere à cidade um significado que mobiliza um imaginário político crucial. (HARVEY, 2014, p. 22).

No primeiro capítulo, intitulado como “O TERRITÓRIO DO BIXIGA COMO AGENTE”, apresentamos o bairro e informações sobre a sua formação, ou seja, não buscamos apresentar um panorama histórico tradicional nem compreender ou apresentar relações de causa e efeito ou linearidades temporais (PEREIRA, 2017), mas procuramos mostrar que a complexidade das dinâmicas comunicacionais e interculturais urbanas existentes no bairro do Bixiga, região central da cidade de São Paulo, justificam uma análise sobre seus usos e apropriações e seus sentidos políticos na atualidade, entre elas, uma nova visibilidade alcançada pelas dinâmicas de consumo cultural ali colocadas em jogo nos últimos anos; questões que na contemporaneidade estão na pauta das discussões sobre cidades, bairros e

economias criativas em todo o mundo em suas possibilidades, promessas, limites e problemas (SELDIN, 2016; GONÇALVES, 2016).

Sendo assim, buscamos identificar e compreender elementos que poderiam sugerir uma contribuição mais assertiva para as múltiplas disputas e negociações do Bixiga enquanto bairro e enquanto território, contando sobre o processo de ocupação e colaboração sob o ponto de vista dos moradores e frequentadores do bairro, relatando também os acontecimentos que fazem com que o bairro ocupe um suposto status diferenciado no imaginário coletivo da cidade. Enfim, procuramos compreender como as dissidências no bairro e em suas interações com seus diversos atores têm causado uma atuação protagonista na cidade.

Depois de apresentarmos algumas questões históricas, da formação cultural e social do Bixiga, esta pesquisa propõe como questão secundária, a metodologia e o uso de praticar derivas etnográficas pelo bairro.

Nesse sentido, no segundo capítulo “DERIVAS URBANAS” apresentamos aspectos teórico-conceituais que permearam e fundamentaram grande parte desta pesquisa. As noções de corpografias urbanas propostas por Jacques (2012), Careri (2013) e Pereira e López-Moya (2018) afirmam que estes tipos de cartografias realizadas pelo corpo e no corpo, no qual esta experimentação corpórea de quem está cartografando a cidade tem potencial de intervir e captar os sentidos que se dão no urbano, fizeram com que nos aprofundássemos na proposta das derivas urbanas como forma de apreender a cidade.

Já no diálogo com a Antropologia, História, Geografia, Arquitetura e Urbanismo, identificamos pontos que também trazem interessantes aspectos para a análise, sobretudo nas formas de apreender a cidade através de uma corpografia e do uso da escala do corpo na proposta de caminhar pelo urbano.

Para o contato com nosso sujeito de estudo (o Bixiga e seus agentes), fomos à campo, realizamos diário (informal) das derivas realizadas no Bixiga, registros e anotações das conversas informais com os agentes do bairro; participamos das festas de ruas e cursos oferecidos pelos produtores culturais etc. Tomamos as noções de Restrepo (2016) levando em consideração a importância de descrever os fatos e eventos observados considerando a complexidade das relações entre os múltiplos agentes e o Bixiga. Assim, utilizando de conceitos dos campos da Geografia, Antropologia e Arquitetura e Urbanismo sob o enfoque da Comunicação, trazemos as

teorias sobre derivas urbanas como ponto de atenção sobre a necessidade de apreensão do urbano em suas múltiplas dimensões.

As derivas urbanas ou o caminhar pelas cidades pode se associar ao que López Moya (2018) chama de “ventanas etnográficas”: são janelas que permitem ao observador/pesquisador captar e perceber detalhes sobre seus objetos, nem sempre claros e definidos. São possibilidades de se ver e captar os entre meios, o que não está explícito, o que não está claro. A atuação do corpo se dá como vetor de comunicabilidade entre os sujeitos e o espaço urbano faz com que esta arte de ação e este ancoramento que se dá e se efetiva na ordem do corpo traga ressignificações e atuações como fatores de reconhecimento individuais e coletivos, ocupando e habitando as cidades em suas áreas mais conhecidas, turísticas e movimentadas, como também em suas cicatrizes e em seus espaços vazios (PEREIRA; LÓPEZ MOYA, 2018).

Nesta perspectiva, sob a ótica da comunicação, a precariedade e a subjetividade envolvidas nos trabalhos de pesquisas nos levam a captar não as certezas, mas o que está em ebulação, em emergência, o que não está completamente definido. Esta perspectiva nos auxilia na compreensão das dinâmicas comunicacionais que compõem os nós, os imbricamentos das relações que ocorrem no Bixiga e nas complexidades das relações ali envolvidas.

Além do detalhamento e análise das bases teóricas, o segundo capítulo também dá início ao relato de como o uso da metodologia de cartografar a cidade por meio de derivas urbanas nos permitiu acessar núcleos e grupos de agentes sociais e culturais do Bixiga, que talvez, pelos modos tradicionais, não teríamos tido acesso.

Uma vez que, antes mesmo de definirmos o sujeito-objeto de pesquisa, já tínhamos em mente que estar em constante “ contato” com o Bixiga, além de necessário, seria substancialmente enriquecedor pela capilaridade de processos e dos múltiplos agentes e acessos voltados à produção cultural. Habitualmente, além de visitarmos o Bixiga com regularidade, ao longo dos últimos dois anos, voltamos nossa atenção ao que era comentado e divulgado na imprensa sobre os assuntos relacionados ao bairro.

A decisão em utilizar uma metodologia de inspiração etnográfica, composta por conversas informais com os agentes, visitas aleatórias e visitas pré-agendadas, a participação em eventos e festas que aconteceram ao longo de todo o período do

Mestrado, além de insumos e material de pesquisa, também se transformaram em um grande respeito pela cidade, o bairro e seus moradores. Estar em contato com os agentes, com uma certa regularidade, nos permitiu vivenciar uma pequena parte de atuação e ação em suas rotinas e afazeres e nas atividades propostas como formas de ativismo e militância em prol do bairro.

Assim, o terceiro capítulo “REDE SOCIAL BELA VISTA” propõem uma análise mais aprofundada em determinados agentes que as muitas derivas pelo Bixiga acabaram nos apresentando e que, inicialmente, não foram percebidos aos nossos olhos. Analisamos a Rede Social Bela Vista, o foco ou o nó de muitas redes que elegemos como objeto de estudo nesta dissertação. A experiência das derivas pelo bairro nos fez tomar conhecimento desta Rede, conhecer seus agentes, frequentar e acompanhar suas atividades. A metodologia de análise consistiu, entre outras coisas, em seguir os atores e suas associações (LATOUR, 2012), compreender como se associam, como mantém ou não estas vinculações, as controvérsias que aí surgem, os conflitos, negociações que se perfazem nesta forma de ativismo a um tempo urbano e cultural, mas sempre com sentidos políticos. Ao seguir estes atores, participamos de reuniões presenciais da Rede Social Bela Vista, acompanhamos e analisamos seu website e as redes sociais por ela utilizadas, como a página no *Facebook*, *Instagram* e o grupo no aplicativo *WhatsApp*. Acompanhando este movimento dos atores entre redes e ruas foi possível compreender caminhos, bifurcações, novas associações que vão se montando e desmontando de maneira dinâmica.

Por todas estas questões recentes que vêm dinamizando os usos da região do Bixiga e por interessarmo-nos em compreender sentidos dos ativismos urbanos (sejam mais ou menos assim assumidos e nomeados pelos atores) na atualidade – que conjugam lógicas políticas com lógicas econômicas (vinculadas a temas como economias criativas e bairros criativos), de consumo, de entretenimento, de socialidades – a Rede Social Bela Vista nos despertou atenção e dedicamos um capítulo para relatar algumas experiências que tivemos com estes agentes. Um panorama de quem são estes múltiplos agentes, suas atividades e formas de atuar, além de mais detalhes sobre este ponto de encontro no tecido enredado que compõe o Bixiga. Salientamos que A Rede Social Bela Vista utiliza seus perfis nas redes sociais para divulgar ações pontuais ou as datas e horários dos encontros, mas a sua

maior e mais constante forma de atuação são nas ações entre os agentes em eventos, programas ou festas previamente discutidos e efetuados no Bixiga.

Ao escolhermos a Rede Social Bela Vista como foco de análise, levamos em conta o fato dela ser um nó de uma rede de redes (MARINO, 2016), um coletivo de coletivos com muitas articulações reticulares que se desdobram em outras vinculações e colaborações com outros grupos, ONGs e causas. Ora, esta parece ser uma característica importante e marcante de muitos ativismos hoje, no século XXI. Como nosso interesse desde o início era o de compreender como se esboçavam os sentidos comunicacionais e políticos que as formas de viver e atuar culturalmente na região do Bixiga na atualidade, as atividades e controvérsias (LATOUR, 2012) vistas na Rede nos pareceram adequadas.

Estudar as dinâmicas comunicacionais no Bixiga e alguns de seus agentes, é uma forma de compreender um microcosmo dessa imbricação de sentidos, como uma janela etnográfica (LÓPEZ MOYA, 2018) pela qual se observam muitas outras coisas, além das quais ela se propõe a apresentar. O bairro se apresenta como um exemplo das características de alguns ativismos contemporâneos, em que os sujeitos buscam uma atuação em torno da vida urbana e no direito às cidades, atuando localmente, mas dialogando com fluxos e questões globais a todo momento vigentes. Enquanto a pesquisa nos apontava um possível lócus que acreditávamos ser o principal protagonista do bairro (como por exemplo os integrantes da Rede Social Bela Vista), o próprio bairro apresentava um protagonismo que não podíamos desprezar para uma melhor compreensão das relações quando também buscávamos “enxergar” quem não fazia parte da tal rede.

1 O TERRITÓRIO DO BIXIGA COMO AGENTE

Neste capítulo, buscamos apresentar características da formação cultural e histórica do bairro do Bixiga, que entendemos ser necessária para proporcionar aos leitores que não conhecem o tradicional bairro paulistano, uma dose de informações que ao menos facilitem uma ideia sobre o que esta pesquisa pretende apresentar. Aos leitores que já conhecem ou já estiveram na região, certamente as múltiplas facetas do Bixiga despertarão ou aumentarão o interesse sobre as relações entre os variados agentes nas grandes cidades e especificamente, na cidade de São Paulo.

A apresentação do bairro e de alguns agentes ao longo deste capítulo não será feita através de uma perspectiva linear: em determinados momentos será possível percebermos “saltos temporais”, trazendo informações históricas das últimas décadas ou de anos da formação da cidade de São Paulo; em outros momentos utilizamos o recurso de “ir e voltar” de um tempo histórico a outro, evitando anacronismos pois temos claro que não devemos comparar assuntos, fatos ou acontecimentos sem levar em conta sua historicidade. A alternativa de contar e apresentar informações neste formato de narrar o passado e sequencialmente fatos ou acontecimentos dos dias contemporâneos, foi uma opção que no nosso entendimento, além de facilitar ao leitor conhecer informações sobre o Bixiga, também deixam claro a importância das matrizes culturais na formação histórica do bairro, proporcionando uma melhor compreensão sobre as dinâmicas interculturais (CANCLINI, 2009) e comunicacionais que ali se dão nos dias de hoje e que se deram ao longo das suas muitas descontinuidades históricas.

Compreender e analisar características existentes no Bixiga, seus múltiplos agentes e suas dinâmicas comunicacionais e interculturais, nos permite entender o lugar do bairro como agente fortemente atuante nos debates atuais sobre direito à cidade e sobre consumo cultural. Segundo Pereira e Lopez Moya (2018), as dinâmicas comunicacionais estão diretamente ligadas ao estudo e compreensão das cidades sob um viés comunicacional, levando em conta a complexidade de seu tecido material, os fluxos de pessoas, imagens, tecnologias, imaginários, culturas e subjetividades; o que resulta em que a cidade seja um lugar heterogêneo, pautado nas negociações culturais (PEREIRA; LOPEZ MOYA, 2018).

Dialogamos também com Canevacci (2004) que nos diz que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular podem ser comparadas a um coro que canta com múltiplas vozes autônomas que se relacionam, se cruzam, se sobrepõem, se isolam e se contrastam. O autor diz que podemos experimentar este enfoque polifônico como metodologia para representar o mesmo objeto – a comunicação urbana. Na sequência, apresentaremos informações e relatos sobre o Bixiga, com o objetivo de apreendermos pistas ou fragmentos que compõem as múltiplas camadas de sentidos que formam o bairro e alimentam as dinâmicas comunicacionais ali presentes. Benjamin (1989) nos inspira nesta tarefa, quando analisa a cidade de Paris no final do século XIX a partir de seus personagens, suas miudezas cotidianas, cacos e fragmentos, ajudando-nos a compreender a vida urbana e o espírito da metrópole como algo composto de um caleidoscópio em que imagens, *flashes* e choques ajudam a formular as lógicas modernas do viver urbano.

Entre muitos registros históricos, alguns baseados em relatos e memórias familiares de moradores, outros em estudos como o de Rolnik (1986), conta-se que a formação do bairro tem suas bases no fato de se tratar de uma localização onde havia grandes entroncamentos comerciais que foram áreas importantes no processo de desenvolvimento da cidade de São Paulo. Segundo estes registros, no ano de 1854 a população da cidade girava em torno de 30 mil habitantes e 1/3 desta população era formada por escravos. Naquela época, os senhores de escravos moravam em chácaras localizadas em áreas mais afastadas da região central, localizadas principalmente ao redor da cidade ou em lotes urbanos contíguos. Este tipo de moradia, reproduzia ou reeditava um modelo da senzala rural: animais, lavanderia e escravos ficavam fora do edifício principal.

As proximidades destes imóveis favoreciam a circulação de negros e escravos domésticos pelas ruas do que anos depois viriam a ser a cidade, pois eles eram encarregados de buscar águas nos chafarizes, carregar cestas das áreas de mercado ou de transportar cargas e objetos de um ponto a outro da cidade. Não há consenso se por causa da intensa concentração de negros, ou se pelo fato de se tratar de uma região onde a topografia e a irregularidade do terreno favoreciam que os escravos fugidos se escondessem na região, mas o que ocorreu é que ali naquele ponto de encontro, que hoje chamamos de Bixiga, os negros ficaram e se estabeleceram.

Para Rolnik (1986), sem condições e recursos, viver em porões ou em cômodos contíguos das habitações era a única opção de moradia aos negros quando já libertos. Este estilo de moradia implicava em um cotidiano que na maior parte do tempo, o conviver e o morar aconteciam em um espaço semi-público, intermediário entre o particular do estar dentro de suas casas, e o anonimato do estar na rua ou em pátios coletivos.

Podemos fazer um paralelo com os dias atuais se comparamos com a discussão de Negri e Hardt (2012), que nos trazem uma noção de que o espaço comum pressupõe uma dimensão de espaço público onde não se exclui as dimensões de espaço privados. Levantamos a hipótese de que diante das necessidades daquela época, os negros que participaram da formação do Bixiga colocaram em prática alguns elementos do que vivenciamos nos dias de hoje um esboço inicial das noções de convivências e interações na cidade. Esta noção nos permite conceber novas possibilidades de conceitos ou associações de conceitos estabelecidos, que nos fazem refletir sobre as muitas formas de pensar e viver no urbano. Um outro pensamento que podemos associar às múltiplas maneiras de convivência em meados de 1850 e nos dias de hoje é o proposto por Haesbaert (2002) sobre território: o autor explica que território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle-político do espaço e de sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados (HAESBAERT, 2002, p. 121). Considerando os usos dos espaços da cidade como foco, buscamos compreender como e por que o bairro do Bixiga, integrante da área também conhecida como centro expandido da cidade, age e atua de maneira ativa nas relações, apropriações e disputas com os sujeitos.

Não estamos buscando formular um raciocínio linear e mecânico sobre os acontecimentos ao longo dos anos, mas sim dar atenção aos nós e pontos de enlace entre os agentes que compõem nosso sujeito de estudo e suas matrizes históricas e culturais.

Ainda podemos acrescentar aos conceitos utilizados, a ideia da Teoria Ator-Rede, de Latour (2012), para pensar o território do Bixiga como protagonista, no qual consideramos que atores são humanos e não-humanos, sendo ainda objetos mediadores que podem modificar o estatuto das coisas mediadas, tendo um papel ativo sobre um fenômeno. Tal teoria nos ajuda a compreender o Bixiga em uma

posição de agente, participando das relações de usos, conflitos, negociações e apropriações entre todos os agentes envolvidos. Levando em consideração que o Bixiga age e atua transformando as relações de interações em associações e para que tais associações possam ser compreendidas, observa-se a necessidade de desconstruir mapas prontos já pré-existentes e considerar tais associações por partes, assumindo a existência de camadas de sentidos e territórios sem delimitações físicas definidas e fixas. É importante e necessário considerar que em alguns momentos, tais associações podem ter a aparência de estarem supostamente desconexas e sem padrões, mas que observadas a partir de uma visão amplificada, sob o ponto de vista da comunicação possuem sentido e justificam um elo, um nó, um ponto de ligação.

A teoria Ator-Rede de Latour (2012) explicada por Pires (2017) apresenta a geração de uma espécie de engajamento dos actantes, uma espécie de “pontualização”. Para o autor, por alguns instantes ocorre um processo de estabilização como se todos os agentes passassem a agir como se fossem uma unidade. Esta espécie de associação ou “solidificação” temporária, segundo Pires (2017), além de gerar credibilidade, favorece a reflexão sobre questões que num dado momento parecem resolvidas, não tensivas e estáveis.

Para Delgado (1999), a noção de observação flutuante do cotidiano urbano representa uma maneira de perceber as polifônicas configurações destes territórios que são repletos de construções simbólicas e articulam elementos tradicionais da cultura negra, conflitos, embates e disputas que fazem parte das interações e socialidades na cidade. A noção de Delgado (1999), sobre o cotidiano urbano, nos ajuda a pensar que mesmo se tratando de outra época, outros tempos, esta característica do Bixiga está presente como matriz cultural (Martin-Barbero, 1997).

Rolnik (1986) assegura que o fim gradativo da escravidão nos términos do Século XIX deu lugar a uma nova preocupação dos fazendeiros e empresários do café, que representavam parte da elite paulistana da época: a substituição da mão de obra. Esta preocupação implicou no processo de imigração que ocorreu no estado e em todo o país, favorecendo o deslocamento de milhares de europeus, sobretudo italianos para as terras paulistas, uma das teorias que sustentam a “*italianização*” do Bixiga.

Bem como parte da historiografia sobre este período, Rolnik (1986) explica que a substituição da mão de obra escrava pela mão de obra imigrante, veio acompanhada

de um discurso que pregava uma solução progressista e alternativa, na medida que além de um trabalho civilizado, a cidade ainda ganharia a cultura europeia e branca no seu desenvolvimento. Há outros estudos que retratam as muitas nacionalidades e etnias que participaram do início do bairro, como retrata o memorialista Haim Grünspum, em seu trabalho “Bexiga – a anatomia de um bairro”:

Na linha esquerda do bonde, a começar dos cortiços da Marques e Leão, viviam na maioria italiano e seus descendentes, seguidos de mulatos, negros, espanhóis, fazendo a mescla brasileira do Bexiga. (GRÜNSPUM, 1979, p. 22)

Na passagem do século XIX para o XX, em meio a muitos debates discriminatórios sobre miscigenação e branqueamento, a nova posição dos negros, de escravos à marginais trouxe ao território do Bixiga um estigma, conforme Goffman (1975), de uma área de concentração de marginais e marginalidade, sem espaço no novo modelo de cidade europeia que se imaginava e queria.

Baseado nesta discriminação e estigma do Bixiga, traçamos um paralelo com a formação da teoria situacionista dos anos 1950, que posteriormente, deu início aos primeiros conceitos sobre a teoria “à deriva”. Careri (2013) nos conta que nos anos 1950, os letristas passaram a frequentar lugares marginais nas cidades europeias, descrevendo as cidades de uma maneira incrivelmente romântica. A teoria da deriva urbana, que veio a seguir, consiste em basicamente expor a necessidade de uma percepção e entendimento das cidades, como mutante e continuadamente diversificada, o que é obtido quando se sai a derivar, ou seja, a passear pelas cidades aleatoriamente.

Não é possível afirmar que o interesse e o consumo cultural que se deu ao longo dos anos no Bixiga e que pudemos vivenciar ao longo dos últimos anos desta pesquisa, tenha ocorrido apenas pelo estigma em torno dos negros terem sido estereotipados como marginais, após a narrativa de uma força de trabalho trazida pelos europeus que seria capaz de levar a cidade ao progresso. Porém, a característica de “estar nas margens”, nos dá algumas pistas sobre as razões para que o Bixiga possua tanta representatividade no imaginário coletivo sobre a cidade. Para Silva (2001, p. 50), o imaginário afeta, filtra e modela a nossa percepção da vida e tem grande impacto na elaboração dos relatos da cotidianidade, contada pelos cidadãos e moradores diariamente. Bordões utilizados nos últimos anos com frequência pelo senso comum, como, por exemplo, o “bairro mais boêmio da cidade”,

nos fazem questionar até onde os frequentadores e moradores da região são influenciados e compactuam com estas concepções, no processo de formação de suas identidades.

Chamamos atenção aqui para uma primeira pista quanto às construções e negociações de práticas das dinâmicas interculturais e comunicacionais: a política higienista discriminatória imposta aos negros e as disputas pelas manutenção de suas tradições entre os imigrantes italianos e os nordestinos (relatada a seguir) talvez tenham sido os primeiros embates que se tornaram “pontos de estabilização”, de acordo com Pires (2017).

Sabemos que este estigma (GOFFMAN, 1975), não geraria atração ou visibilidade ao bairro ao longo dos anos, mas os “pontos de estabilização “entre os agentes, usando táticas e astúcias (CERTEAU, 1994), talvez tenham trazido outras nuances a esta situação, o que nos faz encontrar uma relação entre o interesse dos situacionistas (CARERI, 2016) em frequentar lugares marginais e a representatividade no imaginário coletivo (SILVA, 2001), quando voltamos nosso olhar ao Bixiga.

Retornamos a 1886, quando a promulgação do Código de Posturas Municipal, proibiu práticas presentes no cotidiano de territórios negros: as quitandeiras e lavadeiras não podiam sair às ruas, porque “atrapalhavam o trânsito”; os pais de santo não poderiam trabalhar porque seriam “embusteiros que fingem inspiração por algum sobrenatural” e os mercados deveriam ser transferidos porque “afrontam a cultura e conspurcam a cidade”¹. Instaurando-se o projeto de cidade europeia com a marcação dos espaços da classe dominante, que começava a sair da região central da cidade, mudando-se para palacetes neoclássicos em loteamentos exclusivos. Rolnik (1986, 2018) explica que o deslocamento do território da classe dominante, deu início ao processo de definição de novos territórios negros naquela época. A região do centro velho da cidade, passou a ser mais densamente ocupada em formas de cômodos, o que para o autor deu início aos cortiços. Nos bairros que ficavam próximos às novas áreas que abrigavam a burguesia, surgiram núcleos de moradias coletivas, onde os negros que trabalhavam nos serviços domésticos nas residências burguesas, viviam com suas famílias. Rolnik (1986) nomeia este processo como re-territorialização do movimento negro. Além das características históricas ligadas ao movimento negro,

¹ Disponível em: <<https://acervofolha.blogfolha.uol.com.br/2018/05/10/outros-13-de-maio-raquel-rolnik-explica-a-formacao-de-territorios-negros-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

segundo dados obtidos no arquivo de São Paulo sobre os estrangeiros e a construção da cidade, é possível acompanhar ao longo dos anos a participação ativa dos estrangeiros tanto nos processos de parcelamento e divisão de lotes e glebas, quanto nos retalhamentos de lotes já adquiridos.

Haesbaert (2017) nos explica que a noção de território é sempre muito ligada às dimensões políticas. Visto que o território é o resultado de uma disputa de forças pela busca do controle do espaço, Haesbaert (2002), que envolve apropriações, disputas, afetos e pertencimentos. Segundo uma discussão proposta pelo autor, uma boa definição para territorialidade seria a tentativa de um grupo ou indivíduo influenciar, atingir ou controlar pessoas, fenômenos ou relacionamentos, através de controles ou delimitações de uma área geográfica. Na sequência, ainda na conceituação de território, Haesbaert (2017) explica que apenas analisar o território no sentido de delimitações ou controles de espaço, seria uma visão muito simplista. Para ele, é necessário também analisarmos a dimensão simbólica, percebendo que através das dimensões simbólicas surgem as identidades territoriais, ou seja, a identificação e pertencimento que determinados grupos sociais desenvolvem em seus espaços de vivências em seus territórios.

Podemos relacionar as noções de Haesbaert (2017), com uma dimensão simbólica de identidades territoriais quando considerarmos que o bairro do Bixiga não existe nas divisões ou delimitações oficiais da Prefeitura de São Paulo. Conhecido também como região da Bela Vista, integrante do centro expandido da capital paulistana, corresponde aproximadamente à região localizada entre às ruas Major Diogo, Sílvia, Rui Barbosa, Treze de maio, Avenida Nove de Julho e Avenida Brigadeiro Luís Antônio. Com a área de 2,60 km², população de 69.460,000 (2010) e densidade demográfica de 26.715 (habitantes/km²) ².

Tampouco há algum tipo ou espécie de marcação quanto aos limites das ruas e avenidas do bairro, explicando se aqui ou ali começa ou termina o bairro ou região do Bixiga. E, tão interessante quanto esta ausência de bordas ou limites, é o fato de quando perguntamos aos moradores do bairro ou região, todo mundo afirma e acredita com muita convicção, onde começa e termina o Bixiga.

² Fonte: **Prefeitura Municipal de São Paulo**. Disponível em: <www.prefeiturasp.gov.br>. Acesso em: 13 set. 2018.

Tanto em 1886 quanto hoje, de diferentes maneiras, identificamos um processo de domínio e apropriação do território do Bixiga onde não só foram construídos laços de controles físicos, mas principalmente laços de identidade social. Estas relações de embates, conflitos e negociações nos dão pistas de que quanto maiores forem as dissidências e conflitos nas relações e dinâmicas comunicacionais, maiores as possibilidades de brechas e usos dos problemas como alternativas e soluções de conflitos sociais.

Para Pereira (2017) os territórios não existem em si, mas nos seus usos, forjados pela ação dos grupos no exercício da vida; o que corrobora ainda mais com a observação de que o Bixiga dialoga com seus públicos de maneira diferenciada. Ainda utilizando o conceito da autora, se a área central da cidade e seus entornos padece há décadas com falta de investimentos e interesse público e privado devido a um deslocamento de centralidades na cidade, a autora salienta que em paralelo a estes planejamentos e organizações dos espaços da cidade pela racionalidade técnica e baseada em questões econômicas, está também a ação de atores que, a despeito da ordem fazem usos astuciosos dos lugares da cidade, apropriando-se, trazendo novos sentidos e ressignificando o local, numa apropriação que inclui subjetividades, experiências e disputas reais e simbólicas, transformando o bairro em um território, onde as relações de usos e apropriações ocorrem de maneira mais intensa do que em outros lugares.

Conjugada às definições de Haesbaert (2017) quanto ao território e pensando nas dinâmicas comunicacionais e interculturais que entendemos que ali se dão, conseguimos dialogar com as considerações de Wisnik (2018) sobre algumas espécies de vínculos estabelecidos entre os variados agentes do Bixiga. O autor ainda explica que nos finais dos anos 1960 e início dos anos 1970, o bairro do Bixiga foi um dos mais atingidos pelas obras de uma política rodoviária que assolou a cidade de São Paulo, transformando muitos dos seus espaços públicos e lugares de estar em espaços desertificados, de passagem, áridos, desprovidos de um sentido maior de pertencimento, uma política que transformava gradativamente “lugares” em “não lugares” (WISNIK, 2018).

Wisnik (2018) afirma que em toda a cidade de São Paulo, entre os anos 1969 e 1972, as grandes artérias de circulação expressa estavam em construção tais como,

Marginal Tietê, Avenida 23 de Maio, Avenida Radial Leste e o próprio Minhocão³, apelido dado à via expressa elevada que corta parte da cidade de São Paulo. O autor relata também que essas obras criaram vários “traumas urbanos” e que especificamente o Viaduto existente onde a rua Treze de Maio se funde com a Rua Rui Barbosa (supostamente uma das partes mais “famosa” do bairro pelas grandes quantidades de estabelecimentos comerciais), é um exemplo de um grande nó urbano, uma grande cicatriz.

Dialogando com as noções de território e territorialidades de Haesbaert (2017) existentes no Bixiga, visualizamos as dinâmicas comunicacionais e urbanas que ali são construídas, negociadas e praticadas, dando origem a muitos processos que envolvem afetos, socialidades, sentidos políticos já citados nos relatos sobre cicatrizes e dos nós urbanos apresentados por Wisnik (2018). O que se percebe é que mesmo no que Wisnik (2018) chama de grande carcaça de concreto, se referindo ao Viaduto que corta o bairro, ainda podemos nos deparar com inúmeras festas de ruas, como por exemplo o “Treze na treze” ou “A Festa de Nossa Senhora Achiropita”, por exemplo.

Tomamos Certeau (1994), sobre as mil maneiras com que os “homens ordinários” inventam seu cotidiano, escapando do que lhes é imposto e dado. Esta invenção é o que o autor vai chamar de “artes de fazer”, “astúcias sutis” ou táticas e resistências. O autor nos apresenta as definições sobre estratégia e tática, no que chama de invenção do cotidiano. Para ele, a negociação entre as estratégias e táticas giram em torno de uma disputa de poder: a estratégia seria capaz de produzir, mapear e impor. Já as táticas só podem utilizar, manipular e alterar.

A tática é o movimento dentro do campo de visão do inimigo, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera por golpe, lance por lance. Aproveita “as ocasiões” e delas depende. [...] Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco. (CERTEAU, 1994, p. 94-95).

³ Projetado na gestão do prefeito Faria Lima (1965-1969), o projeto para uma via expressa elevada sobre a Avenida São João foi retomado na gestão seguinte, de Paulo Maluf, tornando-se sua principal marca na cidade. O elevado foi erguido em um tempo recorde de 11 meses, seccionando os bairros da Barra Funda, Santa Cecília, Vila Buarque, de um lado, e Liberdade, Bixiga e Baixada do Glicério, de outro. Em 2016 a Prefeitura de São Paulo autorizou a mudança do nome do Elevado que antes era “Costa e Silva”, em homenagem à um presidente da época da Ditadura Militar, para Elevado “João Goulart”. Fonte: **Prefeitura Municipal de São Paulo**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/camara-muda-nome-do-minhocao-para-elevado-presidente-joao-goulart.html>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Quando analisamos as festas de ruas que acontecem no Bixiga podemos tomar o que Certeau (1994) sugere para pensarmos as práticas cotidiana dos consumidores, que aqui chamaremos de sujeitos, supondo que tais práticas sejam do tipo tático: habitar, circular, falar, ler, cozinar.

Já os agentes do Bixiga utilizam as características dos espaços da cidade, ou das cicatrizes, (WISNIK, 2018), como lugar para suas festas ou atividades culturais voltadas aos moradores e frequentadores. Essas táticas são um exemplo de dinâmicas comunicacionais, corroborando com Pereira e Lopez Moya (2018), quando dizem que tais dinâmicas estão diretamente ligadas às práticas e maneiras de se viver no urbano, em suas materialidades, fluxos diversos, subjetividades e afetos, resultando na polifonia e heterogeneidade do meio urbano (PEREIRA; LOPEZ MOYA, 2018).

Na diferenciação feita por Certeau (1994), entre lugar e espaço, percebemos elementos que nos ajudam a pensar a presença de uma ordem presente na configuração e no planejamento urbano e os usos e apropriações que são feitos destes lugares. Para Certeau (1994), o lugar pressupõe a ordem, pontos fixos e fronteiras bem delimitadas e estabelecidas em relações de coexistência, sem a possibilidade de que duas coisas ou duas práticas ocupem o mesmo lugar, reinando a lei “do próprio”, em analogia à noção de estratégia, do mesmo autor. Já o espaço é o lugar praticado, usado, subvertido, tomado por outros usos e apropriações pelos sujeitos comuns em seu cotidiano, numa invenção de territorialidades e cruzamentos de sentidos que daí se desdobram, em analogia à noção de tática certeauniana. O espaço não é dado *a priori*, ele se faz na prática mesma dos caminhantes dos usuários da cidade. O viaduto que fere e rasga o bairro em seus tons de cinza, como lugar construído pelo poder, não impede que os sujeitos caminhem, festejem, invertam as lógicas, façam usos inesperados de ruas, praças, escadarias, e demais entornos deste mesmo viaduto.

Podemos ainda utilizar as contribuições de Michel Foucault (2009), quando este autor fala das heterotopias. Diferentemente das utopias – que se remetem a um lugar não existente – as heterotopias são concretas e reais e surgem a todo momento, como espaços que fogem à regra das regras para as quais foram designados. A noção de heterotopia ajuda a problematizar ou até desconstruir certos jogos de oposição frutos da Modernidade, tais como espaço privado versus espaço público, espaço da

família versus espaço social, espaço da cultura versus espaço utilitário, espaço de lazer versus espaço de trabalho, ainda são tidos como naturais (não criados). Ao inverter ou suspender estes jogos de oposição que estruturam o mundo, os sujeitos e os espaços com funções delimitadas e rígidas dadas a priori pela ordem ou pelo Estado, a noção de heterotopia nos auxilia no reconhecimento e compreensão de espaços em suas múltiplas facetas e apropriações, como os que aqui analisamos no Bixiga.

Desde o início de sua formação, o Bixiga contava com moradores negros e imigrantes europeus. Mesmo nesta época, o bairro abrigava uma multiplicidade de práticas artesanais, pequenas oficinas e fábricas e não se caracterizava nem como bairro operário, nem como bairro burguês. Em conversas com moradores, atualmente, é comum ouvirmos que por mais diferentes que as culturas afrodescendentes e italianas possam parecer, há muitos pontos comuns, que para os moradores do bairro, contribuíram para as relações sociais, como, por exemplo, o gosto pelas festas, música e muita comida⁴.

Em meados de 1926 os imigrantes italianos do bairro, por votação popular, alteraram o nome da igreja local que antes era São José do Bixiga, para Paróquia de Nossa Senhora Achiropita, fazendo referência a uma santa da região da Calábria⁵.

Achiropita significa “não feita pelas mãos”, ou seja, feita por uma divindade e não por mãos humanas. Uma lenda italiana diz que um grande artista começou a pintar a figura de Maria durante o dia em uma gruta na região da Calábria, mas à noite a imagem desaparecia. Quando o artista estava em vigília de noite, viu uma linda mulher com um bebê nos braços entrar no santuário. Quando foi averiguar, constatou que a pintura na parede fora substituída pela imagem da mulher e de seu menino. Os imigrantes italianos trouxeram essa devoção ao Brasil, cultuando Nossa Senhora de Achiropita como protetora dos cristãos.

Desde então muito conhecida e frequentada por pessoas vindas de todo canto da cidade, a festa de Nossa Senhora Achiropita, padroeira do bairro, acontece todos os anos em meados do mês de agosto e angaria fundos para a manutenção de suas

⁴ Entrevista disponível no Web documentário, no qual relatando a proximidade entre a cultura afrodescendente e a cultura italiana que semelhantemente, se referem ao gosto por comidas pesadas, hábitos de falar alto e adoração por festas. Disponível em: <www.bixigaexiste.com.br>. Acesso em: 02 set. 2018.

⁵ Disponível em: <<http://www.arquisp.org.br/regiaoese/paroquias/paroquia-nossa-senhora-achiropita/matriz-paroquial-nossa-senhora-achiropita>>. Acesso em: 02 set. 2018.

obras assistências que atendem basicamente crianças e famílias carentes do bairro. São instaladas barracas pelas ruas do bairro comercializando *fogazza* e outras especialidades. Em ambiente fechado, é comercializado o tradicional espaguete italiano e uma mesa de antepastos. A Igreja Nossa Senhora de Achiropita, tradicionalmente católica, apresenta um elemento que compõe a gama das dissidências, do bairro do Bixiga. Dentre várias, a Igreja tem uma pastoral chamada Pastoral Afro, responsável pela festa da Mãe Negra. Esta festa celebra as “origens africanas” e algumas missas em comemoração são temáticas, inclusive com participações de tambores e entradas de mulheres vestidas com roupas coloridas, em alusão a vestimentas das festas afro descente. A Pastoral Afro conta com a participação de muitos moradores do bairro, entre eles o Babalorixá, responsável por um centro de Candomblé, localizado na rua Treze de maio.

Todos os anos, desde 2010, o bairro do Bixiga organiza o evento Treze na Treze, em comemoração à Abolição da Escravatura. Entre diversas atividades, ocorre a lavagem da Rua Treze de Maio. A lavagem começa no alto das escadarias da Praça Dom Orione e segue descendo até o final das escadas, na Rua Treze de Maio. Ao som de samba e músicas vinculadas aos rituais religiosos, tanto da Igreja católica quanto das religiões afrodescendentes, este ritual/evento conta com a participação dos moradores do bairro, das casas de candomblé, da pastoral da Igreja Católica e dos integrantes e a ala das baianas, da escola de samba Vai-Vai. Segundo moradores do Bixiga, quando a escola de samba sai vitoriosa da disputa no Carnaval, durante a festa de comemoração que ocorre pelas ruas do bairro, os foliões obrigatoriamente se dirigem à Igreja de Nossa Senhora Achiropita para reverência e agradecimento, e na sequência, aos terreiros de Candomblé para também agradecer ao título conquistado.

O Bixiga também presenciou o nascimento da Escola de Samba Vai-Vai, um outro lugar ou território de encontro da cultura negra, originalmente um cordão carnavalesco, intimamente ligado à história dos negros no bairro. Segundo a escola, em 1928 havia um tipo de futebol de várzea no Bixiga que se chamava Cai-Cai. Um grupo de amigos responsáveis em animar as festas realizadas pelo time, vistos como penetras e arruaceiros, apelidados de forma jocosa pelos amigos de a turma do “Vae-Vae”. Expulsos do time de futebol, optaram apenas pelas músicas e pelas animações,

criando o bloco dos “Esfarrapados” e, paralelamente, o cordão carnavalesco e esportivo “Vae-vae”, oficializados em 1930⁶.

Com a força das tradições afrodescendentes, a escola de samba utiliza o espaço da rua em um lugar de encontro e socialidades pois a escola não possui um barracão como tantas outras e seus ensaios acontecem basicamente pelas ruas do bairro. Em 2015 a Prefeitura e o Estado de São Paulo iniciaram discussões sobre a probabilidade de mudança da sede da escola, que sairia do Bixiga e seria deslocada para o Largo da Memória, no vale do Anhangabaú⁷. Após dois anos de debates e discussões, com o argumento de “manutenção das tradições”, o consórcio responsável pelas obras, em parceria com o Estado, decidiu mudar de ideia e voltou atrás da decisão⁸.

Como já relatado na historiografia da capital paulistana, as regras impostas aos usos dos espaços públicos pelos negros ao longo dos anos e principalmente em meados de 1886 e na sequência, o incentivo às manifestações culturais dos imigrantes que estavam chegando à cidade; trouxeram conflitos e disputas entre os moradores do Bixiga naquela época.

Isso nos permite perceber, entre outras razões, o início de um movimento de higienização da cidade. Enquanto os negros eram reprimidos na utilização dos espaços públicos, os imigrantes, mais especificamente, os italianos, eram incentivados a promover e divulgar suas manifestações culturais (MONTEIRO, 2018).

Para Schneck (2016), a comunidade do Bixiga, embora na grande maioria fosse composta por italianos, tinha em sua composição étnica um número significativo de portugueses, espanhóis, sírios e libaneses, mas principalmente, brasileiros brancos e negros:

No caso desses últimos, são quase inexistentes as referências historiográficas tradicionais acerca de sua presença no bairro. Tal situação leva a pensar sobre o êxito, mesmo que parcial, do ideário europeizante e branqueador desenvolvido ao longo do século XX, cujo legado predominante parecer ser a “invisibilidade”. A confirmação dessa assertiva é dada pela imprensa da época, onde as referências raciais quase sempre associam a cor dos sujeitos a comportamentos desviantes (traições, embriaguez e agressões), quando não como agente causador, como vítima. (SCHNECK, 2016, p. 29).

⁶ Site oficial da VAI-VAI. Disponível em <<http://www.vaivai.com.br/sobre/>>. Acesso em: 02 set. 2018.

⁷ Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/vai-vai-carnaval-obra-metro-sede-fundacao-problema-bexiga-anhangabau>>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁸ Disponível em: <<https://www.metrocptm.com.br/escola-de-samba-vai-vai-continuara-no-bixiga/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

Essa lógica higienista da classe dominante, frequentemente relatada ao longo dos anos, principalmente nos projetos de criações e renovações urbanas, pouco a pouco tentou apagar a memória e os registros de muitas ocupações negras da cidade, (ROLNIK, 1986, 2018; MONTEIRO, 2018).

Diante das frequentes repressões, coube aos negros buscar alternativas, táticas e astúcias para a preservação e manutenção de seus espaços de ocupação e continuidade de suas manifestações em público.

Para Monteiro (2018), o sincretismo religioso e a participação dos brancos nas rodas de capoeira, samba e nas casas de candomblé, foram alguns dos artifícios utilizados para uma maior aceitação e permanência dos costumes afrodescendentes, frente às culturas hegemônicas ocidentais.

Utilizamos aqui a noção de interculturalidade de Canclini (2003) como base para a reflexão sobre as relações, usos e apropriações entre os sujeitos e agentes que compõem o Bixiga. Em primeiro, devemos ter em mente que quando falamos de cultura, nunca há respostas definitivas, estanques e fixas. Canclini (2003) explica que a cultura não é apenas o lugar onde se sabe que dois mais dois são quatro. É também a indecisa posição em que se procura imaginar o que é possível fazer com números não muito claros, cuja potência acumulativa e expressiva, ainda se está tentando descobrir (CANCLINI, 2003, p. 8).

Diante desta posição, tomamos que as disputas por territórios e narrativas no campo da cultura não vão nos trazer respostas e certezas, seguimos para as definições de multiculturalidade e interculturalidade. Canclini (2009) afirma que podemos admitir o conceito de multiculturalidade para nos referirmos às diversidades de culturas, destacando suas diferenças e propondo políticas relativistas de respeito que muitas vezes reforçam a segregação. O autor explica que a interculturalidade, remete à confrontação e à mistura entre sociedades, ao que acontece quando os agentes do grupo entram em relações, trocas e intercâmbios. O autor explica que os dois conceitos implicam dois modos de reprodução social: multiculturalidade implica aceitação do heterogêneo, interculturalidade implica que os diferentes se encontram em um mesmo mundo e devem conviver em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos (CANCLINI, 2009, p. 145). Sendo assim, a interculturalidade tem o benefício de oferecer um conceito mais adequado para explicar e descrever o que acontece quando sujeitos/agentes sociais interagem com formações

culturais diferentes (CANCLINI, 2009) e isto é demonstrado constantemente ao longo deste trabalho.

Sob a ótica da comunicação, os embates e conflitos ao longo dos anos, originados da interculturalidade (CANCLINI, 2003), entre os negros e imigrantes europeus (e mais recentemente de outras partes do Brasil e do mundo), vem enriquecendo e dando sustentação e legitimidade às manifestações sociais e culturais. Estes conflitos e negociações vivenciados na construção do Bixiga, entre os negros e imigrantes europeus e posteriormente os nordestinos, materializam as noções de Yúdice, (2002) e Certeau (2014), quando consideramos este *locus* como possível lugar da resistência, das táticas, das subversões e considerando o cotidiano como lugar das astacias.

Desde seu processo de formação, no final do século XIX, negros e imigrantes disputam pela manutenção de seus espaços e suas culturas. Essas disputas grupais consistem em constituição de espaços de socialidades, noções de identidades e pertencimento dentro da esfera coletiva (MONTEIRO, 2018), criando uma espécie de *elan* social.

Em meados de 1950, em decorrência de uma corrente de deslocamentos populacionais no Brasil, ancorados na enorme transferência de população do meio rural para o meio urbano, os migrantes nordestinos começam a chegar em grandes quantidades à cidade de São Paulo, se estabelecendo tanto em regiões mais afastadas das periferias, quanto em regiões centrais. Marinelli (2007), nos explica que nas décadas de 1930 e 1940 os nordestinos se dirigiam para o interior do estado e somente a partir de 1950, se dirigiram à região metropolitana de São Paulo.

Assim, o deslocamento de pessoas para as grandes cidades, ao mesmo tempo em que trouxe progresso ao País, pode ter contribuído para o aumento da miséria para esses trabalhadores, visto que, ao partir de suas terras, o nordestino traz consigo a esperança de melhores dias e, uma vez em São Paulo, sua missão de encontrar condições dignas de trabalho e de vida, torna-se muito difícil. (MARINELLI, 2007, p. 09).

Tanto em conversas com os moradores da região do Bixiga, quanto na historiografia do bairro, dois fatores favoreceram a alta concentração de migrantes nordestinos no local: em primeiro, a próxima localização com a Avenida Paulista e com o centro da cidade, o que facilitava a busca por empregos, devido às possibilidades de transporte e deslocamentos. Outro ponto a favor eram os cortiços,

que por se tratar de um estilo de moradia pequeno e barato, atraia a atenção de quem não tinha condições de arcar com uma casa maior, e o que consequentemente seria mais cara. Mesmo em 2017 e 2018, nas pesquisas de campo no bairro, pudemos verificar com frequência a oferta de aluguel de “quartos” ou “quarto e cozinha” quando andamos pelas ruas do Bixiga.

A chegada dos nordestinos ao bairro trouxe novas possibilidades de disputas e negociações nas dinâmicas comunicacionais e nas interculturalidades. As bases nas tradições afro brasileiras, tinham muitas semelhanças ao que era praticado no reduto negro do Bixiga; a capoeira e as rodas de samba, por exemplo, materializam estas semelhanças. Porém os conflitos também trouxeram à tona discussões, rivalidades e disputas.

Em uma conversa com moradores do bairro, ficamos sabendo que a ideia de construir um Museu do bairro, aconteceu inicialmente pelo fato do Sr. Armando Puglisi, mais conhecido como Armandinho do Bixiga (um ícone do bairro), começar a perceber que as supostas tradições italianas estavam sendo esquecidas em decorrência da chegada dos nordestinos à região. Armando Puglisi foi um morador do bairro muito conhecido na região por defender as causas comuns do Bixiga e trazer muita visibilidade com a criação de um enorme bolo de aniversário, em comemoração ao aniversário de São Paulo, que era feito pelos moradores e para os moradores da região⁹.

De uma maneira inovadora, se compararmos às tradicionais metodologias no campo da museologia, Armandinho do Bixiga iniciou um processo de coleta de relatos de história oral, recortes de jornais, fotografias e objetos pessoais que preservassem as recordações dos imigrantes italianos que participaram da construção do bairro; e em 1981, fundou o Museu do Bixiga¹⁰.

Conversando com moradores da região que trabalham em um restaurante local, é possível perceber uma dissidência quanto à história oficial do Bixiga. Alguns moradores nordestinos que moram na região, explicam que não acham tão verdadeiro o slogan “o Bairro mais italiano de São Paulo”, popularmente divulgado pelo senso comum. Os moradores contam que a cozinha italiana do Bixiga tem mais influências

⁹ Disponível em: <<http://memoriasdobixiga.blogspot.com/2013/12/armandinho-do-bixiga-e-sua-historia-de.html>>. Acesso em: 25 set. 2018.

¹⁰ **Museu do Bixiga.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/mumbixiga/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

nordestinas do que em outros lugares da cidade já que a grande maioria dos cozinheiros dos restaurantes do Bixiga são nordestinos.

Essas dissidências culturais apontadas, nos trazem a oportunidade de visualizar o que Yúdice (2013) nos apresenta em sua noção de conveniência da cultura como recurso. Tanto para “o bairro mais boêmio da cidade de São Paulo”, quanto para “o reduto italiano”, a invocação destas máximas criadas pelo senso comum visa atrair visibilidade a uma necessidade econômica, justificaria o uso destes slogans, no momento que convém. A cultura como recurso se mostra aí como possibilidade de inserção e cidadania cultural e comunicacional destes grupos, revelando tensões, apropriações, negociações na composição performativa destas culturas.

Próximos a comunidade negra já estabelecida no bairro, os nordestinos veem no samba de roda, mas principalmente na capoeira, uma familiaridade e um ponto de encontro cultural, usando isto na construção de suas socialidades.

A Casa do Mestre Ananias, centro cultural que se apresenta como espaço de vivência, transmissão oral e difusão do patrimônio cultural nacional e da humanidade através da divulgação das tradições baianas, articula características das culturas baianas com o bairro do Bixiga. Fundada por Ananias Ferreira, mestre de capoeira amplamente conhecido pelos praticantes e simpatizantes da atividade, a Casa do Mestre Ananias oferece atividades às crianças carentes do bairro, além de promover atividades culturais em suas atividades regulares como, a escola de capoeira, oficinas de artesanatos e diversas festas inspirada na cultura do Recôncavo baiano¹¹. A Casa é um nó de articulação de muitos fluxos de pessoas, de consumo cultural e de visibilidades à múltiplas causas:

Em um processo identitário de estimular integração social, a cidadania e a elevação da autoestima, principalmente nas tradições afro-brasileiras, com foco nas expressões da cultura baiana para as gerações descendentes que vivem na capital paulistana. É um espaço onde a informalidade e o caráter familiar são os ingredientes fundamentais para hospedar as manifestações populares aos que buscam alternativas à sociedade de consumo. (BRÁS, 2018, p. 3).

Um breve relato da composição do Bixiga pelos múltiplos agentes envolvidos e a pluralidade cultural destes nos esclarecem sobre as diversidades culturais que ali

¹¹ Disponível em: <<http://mestreanalias.blogspot.com/p/a-casa.html>>. Acesso em: 25 set. 2018.

existem. Tanto na maneira de interpretação dos espaços urbanos, no sentido de se transformarem em lugares sociais híbridos, quanto no fato de Bixiga ser um exemplo de uma espécie de mosaico de superposições e entrecruzamentos. Como esclarece Pereira:

As territorialidades do espaço urbano originam lugares sociais híbridos, e, por vezes efêmeros uma vez que essas mesmas fronteiras simbólicas que separam a cidade – destacando lugares com diferentes práticas sociais e visões de mundo - colocam também estes territórios em contato propiciando a formação de uma arquitetura de territórios como um grande mosaico de superposições e entrecruzamentos que, ao contrário de possuírem uma identidade única, assumem um caráter fluido, sem limites fixos e constantes em que fronteiras movediças se interpenetram e se misturam. (PEREIRA, 2016, p. 06).

Atualmente, em uma mesma rua do bairro é possível identificar diversos sujeitos/atores sociais atuando em seus cenários e territórios da interculturalidade e das dimensões comunicacionais: apreciadores de samba, música popular brasileira, casas noturnas frequentadas por várias juventudes, cantinas com música e comidas típicas italianas, gente ligada ao teatro etc. Este cenário ou território misto, ora fluxo, ora nó, traz algumas reflexões sobre os usos e apropriações entre os atores ou objetos (LATOUR, 2012) que ocorrem de maneira contínua, dinâmica e conflituosa. Lembrando que o território do Bixiga, em determinados momentos faz a vez de cenário mediado, e em outros momentos, assume o papel de protagonista e mediador.

Ao longo dos anos, suspeitamos que em decorrência da interculturalidade que compõe o bairro do Bixiga, os usos e apropriações constantes nas dinâmicas comunicacionais tenham sido tão intensos, que ali estas dinâmicas se deem de maneira mais estabelecidas, fluídas e intensas. Em decorrência destas dissidências, explica Pereira (2016), é necessário pensarmos as cidades, na conjunção de articulações e disjunções comunicacionais onde as identidades, pertencimentos, afetos, socialidades formas de auto representação se articulam à práticas e imaginários onde a dimensão urbana e sua cultura são atravessadas por lógicas comunicacionais que se tornam constitutivas da vida nas cidades.

Na década de 1940 o bairro ganhou visibilidade no campo das artes, no estado e no país, pois foi inaugurado o Teatro Brasileiro de Comédias, na rua Major Diogo. Na sequência vieram o Teatro Oficina, o Maria dela Costa e o Teatro Sergio Cardoso, trazendo para o Bixiga um status de Broadway Paulistana, uma vez que era bastante

comum se ouvir na sequência do nome Bixiga, o apelido de “o bairro mais boêmio de São Paulo”, retratando o fato de que seus frequentadores habitualmente saiam pelas ruas do bairro despreocupadamente à procura de diversão e festas. Consideramos o termo boêmia para retratar a prática de um estilo de vida não convencional, e o Bixiga consegue exemplificar de maneira clara o uso deste termo: seja na época dos teatros e cantinas, nas décadas de 1950 e 1960, quando o bairro era conhecido por se tratar de um suposto reduto boêmio; seja nos dias atuais, onde grupos juvenis em busca de um consumo cultural alternativo também frequentam a região¹².

A noção “alternativo” utilizado aqui é a conceituada por Pereira e Pontes (2017) sobre culturas juvenis, tomando o estilo de vida e consumo alternativo como a possibilidade de ser outro, como a etimologia da palavra sugere. Alternativo, na concepção dos autores, se distingue da noção de “independente” que já foi usado na indústria fonográfica em outras décadas para situar práticas, produções e consumo fora do circuito mainstream e hegemônico. Alternativo, aqui, sugere práticas de consumo cultural/material e midiático que negociam com formas mais hegemônicas e comerciais, mas se perfazem em brechas em que surgem maneiras alternativas de viver a cidade, criar modos de socialidades e de estar juntos para grupos juvenis. Às vezes conceituadas como “hipsters” numa bibliografia do Norte global, no senso comum e na crítica cultural jornalística, concordamos com Pereira (2018), quando aponta que a noção de “hipsterismo” não auxilia na tarefa de compreender as complexidades e hibridismos do consumo cultural juvenil na América Latina, em que popular, massivo, arcaico, moderno se encontram em constante disputa, algo que se pode verificar no consumo cultural do Bixiga na atualidade, em que entretenimento, consumo, diversão, socialidade e ativismos culturais e políticos se mostram imbricados.

Após anos considerados como gloriosos, o bairro passou por uma fase decadente tendo algumas casas noturnas e teatros fechados e passando a ser ponto de encontro para consumo de drogas e prostituição; porém, nos últimos anos o Bixiga vem sendo protagonista de um fenômeno bastante interessante sob o ponto de vista social e comunicacional pois protagoniza um “renascimento” ou talvez uma “mutação” pois começa a atrair atores, considerando aqui a teoria de Latour (2012) de Ator-Rede,

¹² SAMPAIO, Paulo. **Bar de refugiados, discos de vinil e papo cabeça:** Bixiga é o novo point hipster de SP. Disponível em: <<https://paulosampaio.blogosfera.uol.com.br/2017/04/04/bar-de-refugiados-discos-de-vinil-e-papocabeca-bixiga-e-o-novo-point-hipster-de-sp/>>.

mudando e integrando de maneira distinta e singular o consumo cultural da região, seja nas cantinas já existentes há muitos anos ou em novos bairros e bares que vem apoiando esta nova dinâmica de consumo cultural no bairro.

Segundo relatos de alguns moradores e pesquisadores, se hoje o Bixiga volta aos poucos a ser um bairro conhecido por atrações noturnas, muito se deve a seu passado. Como já dissemos, no passado popularmente conhecido por seus teatros, casas noturnas, bares e festas, entre os grupos que gradativamente tem retornado a frequentar o bairro, estão o grupo LGBTI. Conforme relatos fornecidos pela feminista Marisa Fernandes, em uma entrevista dada à Revista *Flaneur* sobre o bairro, em 1940 o Bixiga já era consolidado como um bairro boêmio e havia uma grande concentração de bares e casas noturnas na “esquina das cinco pontas”, uma referência ao encontro das Ruas Treze de Maio, Santo Antônio e outras duas.

Essa “encruzilhada” virou ponto de encontro e passagem das saídas dos Teatros da região. Um lugar de socialidades e de possibilidades de colocação no espaço público de diversos grupos muito deslocados, inclusive lésbicas e gays. Segundo Marisa Fernandes (2018), a partir de 1960, por mais que a presença dessa comunidade ainda sofresse rejeição de um modo geral nestes espaços do Bixiga, a presença deste público era de certa maneira, tolerada o que possibilitava uma convivência relativamente pacífica. Nesse sentido, Fernandes (2018) cita alguns estabelecimentos comerciais que na época se tornaram um lugar de representatividade da comunidade lésbica de São Paulo. Em meados de 1980, a existência de um “gueto” de lésbicas no Bixiga, não significava uma abertura para discussões sobre questões de gênero e sexualidade. Mas em uma época em que o ativismo começava a surgir, locais considerados pontos de socialidades se tornaram os primeiros lugares onde chegavam à intolerância e repressão. Operações policiais de repressão tinham como alvo, além de “subversivos políticos”, negros, prostitutas e homossexuais. Segundo Fernandes (2018), na noite de 15 de novembro de 1980, a polícia invadiu o gueto das lésbicas, não só o espaço público, calçadas e ruas, mas também os estabelecimentos privados, bares, boates e restaurantes. Em meio a protestos, os policiais respondiam “você está sendo levada porque é sapatão!”

Pereira (2017), Vieirá e Barros (2018), relatam que com a diminuição dos bares e teatros no bairro na década de 1980, ocorreu um período de decadência ao Bixiga. Vieirá e Barros (2018) explicam que 1990 grande parte dos espaços frequentados

pelas lésbicas já estavam fechados e que talvez pelo surto da AIDS na época ou pelo aumento da intolerância e preconceito, os lugares antes de convivência, já não existiam mais. Da mesma forma, nos anos 1990, muitas casas de rock e blues que nos anos 1980 ajudaram a criar uma certa cena independente (naquela época este conceito era utilizado e fazia sentido) articulada aos grupos juvenis e culturais ligadas à Vanguarda Paulista (PEREIRA, 2018) e visibilidade e fama ao Bixiga, em meados dos anos 1990 já haviam fechado suas portas¹³. Nos últimos anos, com a abertura de novos bares e casas noturnas no Bixiga, a presença da comunidade LGBTI voltou a surgir e mesmo que não exista uma relação direta, o fato do Bixiga de certa maneira abarcar e compreender a pluralidade cultural e as dissidências, permita uma maior flexibilidade e aberturas às discussões.

1.1 A pesquisa de campo ditando regras

Através de uma informante que conhecemos em uma das derivas pelo bairro, ficamos sabendo que havia uma rede ou um grupo formado por moradores e produtores culturais do bairro do Bixiga, que militava e atuava pelas causas do bairro. Segundo a informante, a “Rede Social Bela Vista” costuma se encontrar geralmente na primeira quarta-feira do mês e o ponto de encontro é definido previamente e compartilhado em um grupo de WhatsApp. Como já era de conhecimento da moradora que estávamos pesquisando e estudando o bairro, fomos convidados a participar de uma reunião, que aconteceria na semana seguinte, cuja pauta focalizava especificamente um evento importante para o bairro, que aconteceria no mês seguinte. Importante ressaltar que a Rede Social Bela Vista possui um perfil nas redes sociais¹⁴, mas a principal forma de comunicação entre seus membros ocorre através de encontros, visitas e mensagens via celular.

A primeira reunião que participamos aconteceu no dia 11 abr. 2018, no Museu do Bixiga, localizado à Rua dos Ingleses, n. 118. Por se tratar de uma antiga

¹³ Segundo Pereira (2018), havia muitas pequenas casas de shows e locais de música e cultura (como cineclubes) nas adjacências da rua 13 de Maio, tais como o Café Piu-Piu, Persona, Carbono 14, Café do Bixiga, Chiquita Bacana, Terral, entre outros, que inclusive colaboraram ou se articularam à cena da Vanguarda Paulista e as atividades do Lira Paulistana, na região oeste.

¹⁴ Disponível em <<http://www.redesocialbelavista.com.br/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

residência, em princípio a fachada do Museu deixa dúvidas se realmente se trata de uma casa ou um estabelecimento público/comercial.

Fomos prontamente recebidos por um dos responsáveis do museu que primeiro perguntou como havíamos conhecido a rede e então informou que ao final da reunião, tinha interesse em conversar conosco e entender as razões que havia nos levado ao bairro. Na sequência, um segundo morador responsável pelo museu, explicou que o lugar ainda estava fechado, mas que devido ao esforço e dedicação de moradores da comunidade, seria reaberto em breve, o que de fato aconteceu¹⁵.

No canto da sala de entrada havia uma grande fotografia antiga, de uma imagem feita do alto, retratando o bairro da Bela Vista. Era possível perceber um pontilhado feito a caneta tipo “marca texto”. Perguntamos ao responsável pelo museu, do que se tratava a marcação e ele prontamente respondeu: “a marcação é para quem não conhece, é o Bixiga”. Perguntamos então como essa delimitação havia sido definida, como saber onde começa e onde termina o bairro, e ele mais que depressa explicou: “ahhh, isso não tem resposta, porque aqui, todo mundo sabe...”.

A reunião foi iniciada, mas em decorrência de pessoas “de fora”, os responsáveis pelo Museu acharam melhor que os moradores/agentes se apresentassem rapidamente e explicassem quais grupos ou entidades representavam e por quais pautas estavam interessados na reunião daquele dia. A reunião de 11 abr. 2018 tinha como pauta principal a organização do Evento “Treze na Treze” que ocorreria no mês seguinte; mas outros assuntos como o recolhimento de lixo nas ruas do bairro, a reabertura do museu, uma obra irregular que supostamente estaria afetando a nascente do rio Saracura, entre outros, recorrentemente eram citados. Em um suposto grau de relevância, com a justificativa de evitar a perda de tempo e como uma tentativa de manutenção das pautas estabelecidas, os moradores decidiram que os principais assuntos seriam a organização do evento e a divulgação das últimas notícias sobre a briga judicial que o bairro do Bixiga vem travando pelo “Parque do Bixiga”, explanada mais adiante.

Após a atualização e divulgação a todos sobre os últimos acontecimentos relacionados ao embate judicial pelo Parque do Bixiga (que daremos mais detalhes a seguir), os integrantes da Rede entraram nos assuntos práticos e logísticos do evento.

¹⁵ QUEIROZ, Guilherme. **Reaberto em julho, Museu resgata a memória do Bixiga**. Veja São Paulo. Publicado em: 24 ago. 2018. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/museu-memoria-do-bixiga/>>. Acesso em: 24 set. 2018.

Segundo os moradores, o evento além de servir para que o bairro visibilize seus trabalhos culturais e sociais, contribui para o fortalecimento de vínculos com a comunidade local e com públicos de outras regiões, o que segundo eles, chamariam atenção e atrairiam defensores e consumidores da produção da comunidade do Bixiga.

Nesta justificativa para a organização do evento apresentada pelos moradores, vemos em primeiro lugar a materialização do argumento de Yúdice (2015) que explica que a cada vez mais a cultura pode ser utilizada para resolver problemas sociopolíticos, como por exemplo, a intolerância e diversidade, quanto para ser um instrumento que impulsiona o crescimento econômico e a geração de emprego.

Outro ponto a observar é a pertinência do argumento de Harvey (2014) que explica que somente quando tivermos o real entendimento de que quem constrói e mantém a vida urbana tem uma exigência fundamental sobre suas produções e que uma delas é direito inalienável de criar uma cidade mais em conformidade com seus verdadeiros desejos, é que chegaremos a uma política do urbano que venha a fazer sentido (HARVEY, 2014, p. 21). Segundo os moradores do Bixiga, além de visibilidade, os eventos pelas ruas do bairro também servem como termômetros para que eles consigam perceber e captar os acontecimentos e dinâmicas no bairro.

Entre muitas observações que só foram possíveis de perceber por estarmos presentes na reunião, uma das que mais chamou atenção foi a de que nem tudo é harmonioso nas relações entre associações, entidades e coletivos da Rede Social Bela Vista.

Além disso, havia duas pessoas que se apresentaram como responsáveis pelo Coletivo LGBTI “Efeito Borboleta”. Em sua fala os responsáveis explicaram que o coletivo atua em defesa das causas transgêneros e das questões LGBTI, que além de shows e apresentações de artistas *trans*, o evento também contaria com a participação da assessoria e coordenação LGBTI da Prefeitura Municipal de São Paulo, distribuindo panfletos e preservativos. Enquanto os responsáveis pelo Efeito Borboleta falavam, um certo “incomodo” acometeu alguns moradores mais velhos, que inclusive se manifestaram dizendo que para o evento de distribuição de panfletos e preservativos, seria interessante que a Prefeitura providenciasse tendas. Aparentemente o objetivo de tendas seria para não deixar “à mostra” o evento do coletivo LGBTI. Um dos responsáveis pela “Rede” interveio dizendo entender que

talvez o evento trouxesse incômodo aos mais velhos e tradicionais, mas explicou que todos os assuntos de importância pela manutenção e preservação do Bixiga devessem ser tratados, inclusive as causas LGBTI.

A reunião da Rede finalizou com os tópicos sobre o evento que aconteceria no mês seguinte agrupados e detalhados de maneira explicativa sobre o que cada grupo de moradores ou coletivos apresentaria. Ao final da reunião, já foram divulgados o local e a possível pauta para o mês seguinte e inclusive foi acatada uma sugestão da criação de uma “Ata” com os assuntos discutidos que deveria ser compartilhada via *WhatsApp* aos moradores do bairro.

Atualmente os moradores do bairro articulam manifestações contra um movimento de gentrificação e especulação imobiliária na região da Bela Vista.

Com a participação da sociedade civil, estabelecimentos culturais e comerciais do bairro, os envolvidos lutam na justiça contra a construção de torres residências de alto padrão, projeto do Grupo Silvio Santos, em um terreno vizinho ao Teatro Oficina.

O Teatro Oficina Uzyna Uzona¹⁶, é uma companhia de teatro brasileira, fundado em 1958 e localizado na Rua Jaceguai, no Bixiga. Um dos mais tradicionais da cidade de São Paulo, fica ao lado de um terreno de aproximadamente onze mil metros quadrados, propriedade do Grupo Silvio Santos.

Segundo relatos de moradores do bairro, disponível em documentário na *web* sobre o Parque do Bixiga¹⁷ e em documentos e notícias da época, em novembro de 1980 o Grupo Silvio Santos proprietário do edifício, tentou comprar o Teatro Oficina, com a intenção de demolir o prédio. Para impedir a demolição o responsável pelo Teatro solicita ao Condephaat – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo¹⁸ o tombamento do edifício. No documento enviado, o responsável pelo Teatro observa que: o prédio conserva elementos arquitetônicos característicos dos casarões do bairro do Bixiga e que sua preservação é importante para conter as demolições que proliferam no Bixiga, descaracterizando-o no seu sentido histórico e cultural¹⁹. Em 1982 o Teatro Oficina é tombado pelo Condephaat como bem histórico.

¹⁶ Disponível em: <<http://teatroficina.com.br/uzyna-uzona/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

¹⁷ **Web documentário.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kvRSgb5j_To>. Acesso em: 19 nov. 2018.

¹⁸ Disponível em: <<http://condephaat.sp.gov.br/o-condephaat-e-a-upph/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

¹⁹ Conforme registro da **Revista Vitruvius**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.188/5905>>. Acesso em: 19 nov. 2018

Em 1997 o Grupo Silvio Santos dá início em um projeto de construção de um shopping center no entorno do teatro. Como medida de resistência o Teatro Oficina dá entrada em uma solicitação de tombamento na espera federal. Em 2010 o tombamento é aprovado pelo Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional²⁰, porém, o próprio Iphan autoriza em 2018 o grupo Silvio Santos a construir às torres residências em seu terreno.

Em meio a muitas idas e vindas a briga judicial continua. Os moradores, defensores e simpatizantes com a causa do Bixiga, lutam para que a administração pública da capital os auxilie na instituição de um parque no local, já chamado de Parque Bixiga, no terreno que hoje abriga um pomar com uma grande variedade de espécies: manga, cereja selvagem, jaca, romã, abacate e pitanga. O movimento dos moradores e frequentadores da região do Bixiga é pelo direito à cidade, uma disputa pelo último espaço verde da região central da cidade de São Paulo, em uma área atravessada por baixo pelo Rio do Bixiga, que junto com o Saracura e Itororó desembocam no Vale do Anhangabaú, um local cercado história e tradições. O projeto de verticalização do Grupo Silvio Santos é considerado pelos moradores do Bixiga como uma violência, travestido de “revitalização”, pelo progresso de um novo ritmo de urbanização que não leva em consideração os ofícios tradicionais da região, o impacto causado pelo aumento do tráfego, a interferência direta das torres em uma paisagem que possui um conjunto estético arquitetônico baixo, cercada de áreas de grande valor cultural e artístico popular que tende a sofrer grande impacto pelos processos gentrificadores que ameaçam a região.

Para os moradores e defensores do Bixiga, os mesmos braços que constroem esta cidade, que servem as casas e cumprem ordens que permitem a organização formal dos espaços de luxo, são os que são rejeitados em sua presença e circulação quando, eventualmente, estão em trânsito pelas áreas reservadas pelo imaginário seletivo branco e “superior”. Sua concentração nas periferias representa áreas de convivência, permitidas pelo estranhamento elitista, que considera exótica, relacionado a estigmas (GOFFMAN, 1988) de crime ou simplesmente nega sua cultura de senzala. Formas de sujeição pela despersonalização periférica, em regimes de controle militar, desqualificação cultural e condições de vida cruéis, estas pessoas foram, por gerações, postas em lógicas que garantiam sua baixa autoestima, a

²⁰ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 19 nov. 2018

objetificação e estética desvinculada dos padrões locais contribuíam para uma posição de máxima exploração, muitas vezes pertinente e análogo ao escravo em moradias improvisadas, baixa escolaridade, alimentação insuficiente, exposto as dificuldades de trabalhos insalubres, em regiões distantes e com extrema dificuldades de transporte e saúde. Podemos completar, considerando um menor poder aquisitivo que os impediriam de adquirir qualquer tipo de imóvel como os que as grandes empreiteiras costumam construir, o que de certa maneira, aproxima novamente da condição escrava, reduzindo ainda mais sua liberdade e perpetuando as relações de exploração contemporâneas.

Para Gonçalves (2016), há certamente um discurso interessado sobre a degradação, que se relaciona com os interesses imobiliários, que se serve indistintamente da fissura e do vazio, ou melhor, da leitura negativa que se produz sobre eles, em nome da regeneração espacial:

[...] observa-se que na metrópole contemporânea muitos projetos de revitalização de áreas degradadas mascaram processos de gentrificação e “higienização”, em muitos casos incorporando a dimensão cultural, por vezes, até mesmo, agregando instrumentos de políticas sociais compensatórias. (GONÇALVES, 2016, p. 45)

Em visitas e participações em eventos do bairro, é possível identificar que a luta em prol da construção do Parque é unânime, mas esta unanimidade não permanece quando em rodas de conversas os moradores se questionam quanto a gestão e administração do Parque e em quanto uma suposta superioridade do grupo Teatro Oficina quanto de fato aos interesses do bairro, mas rapidamente os ânimos se acalmam com a opinião compartilhada que “neste momento” a conquista do Parque é uma vitória de todos, o que virá depois, são pautas para outras reuniões.

Mais uma vez é possível perceber a utilização das táticas e astúcias (CERTEAU, 1994) como maneira de se encontrar brechas frente as forças hegemônicas, uma vez que o grupo de moradores e agentes culturais conseguem através de eventos e encontros apoiados no uso da cultura como recurso (YUDICE, 2002) criar formas e mecanismos de visibilidades para conquistarem aliados, defensores e simpatizantes por suas causas.

Neste capítulo buscamos apresentar um panorama histórico diacrônico, mas também sincrônico, não buscando compreender relações de causa e efeito ou linearidades temporais (PEREIRA, 2017), mas para mostrar que a complexidade das

dinâmicas comunicacionais urbanas ali existentes, justificam uma análise e um estudo sobre seus usos e apropriações e seus sentidos políticos. Uma complexidade nas relações interculturais e na dinâmica urbana e comunicacional que, neste capítulo, buscamos compreender em suas matrizes históricas que trazem elementos presentes hoje no Bixiga, entre elas, uma nova visibilidade alcançada pelas dinâmicas de consumo cultural ali colocadas em jogo nos últimos anos: sede de coletivos, bares e casas noturnas com propostas de música e cultura alternativa imbricadas em ativismos urbanos, culturais e políticos, bares com noites de *jazz* e vinil, a existência de bares secretos em galerias de arte, espaços de *co-working*, barbearias “descoladas”, lojas de produtos veganos, a breve existência da Praia da Pipa, primeira proposta de praia urbana em São Paulo, (PEREIRA; AVELAR, 2018), as disputas em e mobilizações em torno do Parque do Bixiga. Enfim, questões que na contemporaneidade estão na pauta das discussões sobre cidades, bairros e economias criativas em todo o mundo em suas possibilidades, promessas, limites e problemas.

Estudar a Rede Social Bela Vista é uma forma de compreender um microcosmo dessa imbricação de sentidos, como uma janela etnográfica (LÓPEZ MOYA, 2018) pela qual se observam muitas outras coisas, além das quais ela se propõe a apresentar. A rede se apresenta como um exemplo dos ativismos contemporâneos, em que atores buscam uma atuação em torno da vida urbana e no direito às cidades, atuando localmente, mas dialogando com questões fluxos e questões globais a todo momento vigentes.

2 DERIVAS URBANAS

Um dos assuntos bastante discutidos ao longo da trajetória desta pesquisa, foi a necessidade de entender e analisar o fenômeno das manifestações culturais urbanas e as dinâmicas comunicacionais que ocorrem nas cidades. Foi uma preocupação constante refletir sobre como este trabalho poderia e deveria ser feito como contribuição a este campo de estudos e de que maneira as pesquisas de campo ocorrem, seus limites, possibilidades, perspectivas.

Um ponto de concordância é que sempre devíamos explicar que este trabalho possui uma inspiração etnográfica, já que em espaço de tempo destinado à conclusão da dissertação não poderíamos fazer um trabalho completo de etnografia e com tudo que isso envolve.

Neste trabalho usamos o conceito de etnografia de Restrepo (2016). De uma maneira resumida, etnografia é a descrição das ações e relações de um grupo, sob o ponto de vista deste mesmo grupo. O autor explica que tão importante quanto as práticas e ações do grupo – ou aqui por nós, também chamados de sujeitos e agentes - é importante entendermos quais os significados que estes grupos outorgam a estas práticas. Restrepo (2016), assegura que o objetivo de um estudo etnográfico é descrever contextualmente as completas relações entre as práticas e os seus significados sobre algo em particular (seja um lugar, um ritual, uma atividade econômica, uma instituição, uma rede social ou um programa governamental). Ao longo deste capítulo, os relatos obtidos durante as várias idas ao Bixiga confirmam o conceito acima.

No decorrer desta pesquisa fomos à campo, realizamos diário (informal) das derivas realizadas no Bixiga, registro e anotações das conversas informais com os agentes do bairro; participamos das festas de ruas e cursos oferecidos pelos produtores culturais etc. Tomamos as noções de Restrepo (2016) tendo sempre em conta a importância de descrever os fatos e eventos observados considerando a complexidade das relações entre os múltiplos agentes e o Bixiga.

Milton Santos, em sua obra “Trabalho de Geógrafo”, afirma que a condução dos estudos urbanos necessitava de uma renovação conceitual do que a geografia tradicional já nos apresentava. Ele ressalta que a metodologia deveria ser renovada

constantemente senão a realidade nos escapa (1978, p.1-2). A fala do geógrafo nos inspirou a refletir constantemente sobre nosso método.

Assim, utilizando de conceitos dos campos da Geografia, Antropologia e Arquitetura e Urbanismo sob o enfoque da Comunicação, trazemos as teorias sobre derivas urbanas como ponto de atenção sobre a necessidade de apreensão do urbano em suas múltiplas dimensões.

Quando voltamos o olhar para o nosso *lócus* de análise, o bairro do Bixiga, consideramos que ali podemos interpretar coerências materiais e simbólicas, traçando linhas capazes de gerar sentidos àquelas localidades (HAESBAERT, 2014; PEREIRA, 2018).

Consideramos ainda que os territórios, fronteiras e áreas espaciais das cidades não podem ser encarados como áreas estanques, fixas, bem como as lógicas culturais que as caracterizam, mas sim como territórios – redes interconectados (HAESBAERT, 2014; PEREIRA, 2018). Assim surgiu o primeiro ponto de atenção quanto às práticas e metodologias usadas em estudos urbanos, proposta inicialmente pela geografia tradicional: para que a realidade não nos escapasse e para que conseguíssemos captar as dinâmicas dos processos analisados, quais metodologias seriam consideradas e postas em prática para fazer e descrever o trabalho e as experiências de observação em campo? Iniciamos então, uma análise das teorias sobre derivas urbanas.

Explicamos e detalhamos ao longo deste capítulo, como as derivas urbanas nos convidam a explorar, através de caminhadas pelas cidades, os territórios atuais ou espaços intermediários, que também podemos chamar de espaços do “entre”, espaços do meio-lugar (CARERI, 2016). Para este autor, o meio-lugar não é um lugar preciso, nem um não-lugar, no sentido dado por M. Auge, mas a sua prática, a sua apropriação ou o seu uso. O que vamos analisar nos relatos das derivas, sem roteiros pré-definidos ou lugares pré-determinados, é o que Careri (2016) também nomeia de meio-lugar percebido através das transurbâncias.

Alguns conceitos sobre lugar, espaço e território, relacionadas ao seu uso e apropriação, puderam ser visualizados e percebidos quando estivemos em/com contato no Bixiga ao longo deste trabalho, e principalmente quando nos propormos a caminhar por estes lugares; aliada ao fato de que ao caminharmos por estes supostos

“lugares do meio”, entendemos o que Milton Santos (1978) nos explica sobre os escapes da realidade quando não se faz uso de uma metodologia renovada.

Ao praticarmos as caminhadas pelos espaços da cidade podemos perceber e constatar que apenas pela escala do corpo esta interação e dinâmica ocorre, pois o corpo atua como um vetor de comunicabilidade entre os sujeitos, o espaço urbano e os ritmos e cadências da cidade (PEREIRA; LÓPEZ MOYA, 2018); somente pela escala do corpo é que os lugares e os lugares do entre vão se apresentar.

2.1 As bases da teoria sobre as Derivas Urbanas

Ao longo dos anos, a história sobre o desenvolvimento da humanidade conta que as travessias por espaços e o ato de se movimentar nasceram da necessidade do homem de buscar alimentos e informações para a sua sobrevivência, conforme enfatiza Careri (2016). De uma forma simbólica, o caminhar permitiu que o homem habitasse o mundo. Sob o ponto de vista da arquitetura e urbanismo, o ato de caminhar construiu uma ordem sob a qual se desenvolveu a arquitetura dos objetos situados e consequentemente, o caminhar se tornou uma arte, pois foi caminhando que o homem construiu a paisagem natural que o circundava e a partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importante relações que o homem travou com o território:

O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares. (CARERI, 2016, p. 51).

Em uma perspectiva pautada em passagens da história da arte, sob a ótica da arquitetura e urbanismo, os movimentos artísticos Dadaísmo, Surrealismo e Situacionismo, Careri (2016) apresenta propostas estéticas e práticas em que o caminhar contribuía para elucidar ou refutar teorias existentes que hoje podem ser analisadas para a formulação das noções sobre as derivas urbanas.

Jacques (2003) detalha em sua pesquisa os primeiros movimentos na área das artes e da arquitetura e urbanismo que deram início às discussões sobre as errâncias

e a cidade. A autora compara três fases da história da Arquitetura com três formas de resposta ou resistência a cada uma delas: a *flanerié* no século XIX, o Dadaísmo e o Surrealismo nas primeiras décadas do Século XX e os situacionistas nos anos 1950 e 1960. Em todas essas fases, Jacques (2003) coloca a “errância” como valor e meio pelo qual viver a experiência da alteridade nos meios urbanos. Aqui, nos centraremos nos situacionistas.

Em meados de 1950, um grupo de intelectuais franceses com interesses e influências parecidas fundou a Internacional Letrista. As primeiras publicações deste grupo eram inicialmente mais ligadas à arte e também apresentavam ideias que tratavam da vida cotidiana, a relação entre a arte e a vida, em particular da Arquitetura e Urbanismo.

Segundo Jacques (2003), a base do pensamento situacionista era a psicogeografia e a deriva, inspirados na “construção de situações”. Os situacionistas acreditavam que as grandes cidades eram favoráveis às distrações, chamadas por eles de derivas. As derivas seriam então uma técnica de andar sem rumo, levando sempre em conta a influência do cenário.

Jacques (2003) explica que no início os situacionistas pretendiam construir cidades, ambientes, apropriados para as práticas por eles defendidas. Porém, com o passar do tempo e a cada experiência, foi possível perceber que este objetivo era muito difícil. Cada vez mais os situacionistas perceberam que se antes eles estavam interessados em superar os padrões da arte moderna, naquele instante eles deveriam propor uma arte diretamente ligada à vida cotidiana. A partir daquele momento, os situacionistas se deram conta de que esta arte seria basicamente urbana e estaria diretamente ligada com a vida urbana.

No início, os situacionistas associaram as experiências das cidades existentes às práticas das psicogeografias e derivas, planejando utilizar os resultados dessas experiências nas bases para uma proposta de cidade situacionista (como New Babylon, um devir de cidade). Porém, à medida que os situacionistas analisavam essas experiências, a ideia da proposta de uma cidade situacionista foi abandonada e eles passaram a se posicionar cada vez mais contrários ao urbanismo vigente, se posicionando a favor de construção realmente coletiva de cidades. A partir de então, ficou claro que qualquer construção dependeria da participação ativa dos cidadãos,

acreditando que isto só seria possível a partir de uma verdadeira revolução da vida cotidiana.

A partir da convicção da necessidade de uma revolução da vida cotidiana, os situacionistas chegaram à convicção contraria à Arquitetura moderna. Enquanto os Modernos acreditavam que a Arquitetura e o Urbanismo poderiam mudar a sociedade, os Situacionistas estavam convictos que a própria sociedade deveria mudar a Arquitetura e o Urbanismo (JACQUES, 2003).

Para Jacques (2003), a crítica urbana situacionista, teve uma base teórica sobretudo de observação e experiência da cidade existente. A autora acredita que a reunião de ideias, procedimentos e práticas urbanas baseadas nos pensamentos situacionistas ainda hoje podem inspirar as experiências de apreensão do espaço urbano.

As derivas urbanas ou o caminhar pelas cidades pode se associar ao que López Moya (2018) chama de “ventanas etnográficas”: são janelas que permitem ao observador/pesquisador captar e perceber detalhes sobre seus objetos, nem sempre claros e definidos. São possibilidades de se ver e captar os entre meios, o que não está explícito, o que não está claro.

Já Careri (2016) relata em seu trabalho que o campo das artes encontrou dificuldades em transmitir suas experiências do caminhar, de maneira estética. Nem os movimentos dadaístas nem os surrealistas transferiram suas ações para uma base cartográfica e evitaram representações, recorrendo apenas às transcrições literárias. Os situacionistas se utilizaram de mapas psicogeográficos mas sem representações das trajetórias reais das derivas efetuadas.

No campo da comunicação, vamos dialogar com aquilo que González-Victoria (2011) chama de “arte de ação”, que se ancora e se efetiva no corpo humano, acrescentando o trabalho de Pereira e López Moya (2018), os quais dizem que este ancoramento se efetiva no corpo humano, mas também na cidade. Para Pereira e López Moya (2018) a atuação do corpo como vetor de comunicabilidade entre os sujeitos e o espaço urbano faz com que esta arte de ação e este ancoramento que se dá e se efetiva na ordem do corpo traga re-significações e atuações como fatores de reconhecimento individuais e coletivos, ocupando e habitando as cidades em suas áreas mais conhecidas, turísticas e movimentadas, como também em suas cicatrizes e em seus espaços vazios.

Em uma busca pelo entendimento sobre a errância urbana como uma possibilidade crítica de experiência da alteridade na cidade, o trabalho de Jacques (2014) dialoga com o de Careri (2016) e traz a noção de que a efetivação corporal inscrita no cotidiano tem a ver com a ideia de uma corpografia urbana: uma espécie de cartografia realizada pelo corpo e no corpo, em que as memórias e as vivências urbanas estariam inscritas nos corpos como registros de suas experiências nas cidades. Um tipo de mapa gráfico urbano, registrado, inscrito, mas também configurado nos corpos de que os experimenta. Utilizando das noções de Jacques (2014) e Pereira e López Moya (2018) temos que a corpografia urbana auxilia na captação dos sentidos urbanos que passam por uma lógica do sensível e dos afetos

Somamos aqui dois conceitos: primeiro, as noções apresentadas por Careri (2013; 2016) sobre as possibilidades de cartografar as cidades utilizando o caminhar como prática estética (transurbâncias ou derivas). Além disso, Fernandes e Herschmann (2015) atentam para esta forma de cartografar a cidade como uma “mapa-noturno”, percebendo as ideologias e as dimensões do poder nos planos urbanísticos e nas regulações das cidades, mas sem perder de vista as brechas abertas pelos sujeitos do cotidiano. Analisados separadamente, mas considerando que estas linhas teóricas possuem pontos de convergências e intersecções, consideramos a amarração feita por Pereira e López Moya (2018). Os autores assumem que nesta perspectiva, sob a ótica da comunicação, a precariedade e a subjetividade envolvidas nos trabalhos de pesquisas nos levam a captar não as certezas, mas o que está em ebulação, em emergência, o que não está completamente definido. Esta perspectiva nos auxilia na compreensão das dinâmicas comunicacionais que compõem os nós, os imbricamentos das relações que ocorrem no bairro do Bixiga e nas complexidades das relações ali envolvidas.

Quando direcionamos nosso olhar para o bairro do Bixiga, conseguimos visualizar as oportunidades que os usos das derivas urbanas nos trazem, uma vez que o objetivo central deste trabalho é compreender as múltiplas dinâmicas existentes entre o bairro e seus múltiplos atores/agentes. Jacques (2014) nos explica que nos últimos anos há uma “tendência pacificadora” dos espaços públicos e dos espaços urbanos, relacionada diretamente com os processos de espetacularização das cidades. A autora diz que esta tentativa de pacificação dos espaços se dá através de fabricações de falsos consensos, do encobrimento dos conflitos e disputas, que lhes

são inerentes; consequentemente, esta tentativa ocasionaria uma certa esterilização das experiências de alteridade nas cidades. Por conta disto, se torna ainda mais relevante a valorização da alteridade urbana, a valorização do outro urbano que resiste a todo este processo pacificador e desafia à construção de todos estes pseudoconsensos publicitários (JACQUES, 2014).

Dessa maneira, a prática das derivas urbanas, assim como um caminhar que não é aleatório; mas não tem planejamentos ou roteiros prévios, auxilia-nos neste encontro com a cidade e os seus “Outros”, a viver, portanto, a experiência de alteridade na cidade.

Exemplos disso são os redutos negros no Bixiga, como a Escola de Samba Vai-Vai e redutos de cultura baiana e nordestina, como a Casa do Mestre Ananias, no que o senso comum e uma memória histórico oficial chama de “o bairro mais italiano de São Paulo”. Jacques (2014) sustenta nossa hipótese de que os dissensos, os conflitos e disputas (além de serem inerentes e não poderem apenas serem eliminados), integram este movimento de oposição à tentativa de esterilização das experiencias nas cidades, ou a tentativa de pacificação ou homogeneização dos espaços urbanos. Os conflitos e os dissensos são partes vivas e atuantes desse território. Jacques (2014) mostra que o “Outro” urbano que por sua simples presença e prática cotidianas resiste ao processo de pacificação das cidades e são os que Milton Santos (1993) chamou de Homens Lentos e que Michel de Certeau (1994) chamou de Praticantes Ordinários da Cidade.

As zonas apagadas e ocultadas da cidade, se opõem às zonas luminosas, espetaculares e gentrificadas. Um outro bairro, intenso, opaco e vivo, se insinua nas brechas, margens e desvios do bairro espetáculo pacificado, como pudemos perceber em nossas derivas pelo Bixiga. O Outro urbano é o homem ordinário que escapa – resiste e sobrevive – no cotidiano (JACQUES, 2014). Certeau (1994) afirma que este praticante ordinário do urbano inventa seu cotidiano, reinventa modos de fazer, astúcias sutis e criativas, táticas de sobrevivência pelas quais se apropria do espaço urbano e assim ocupa o espaço público de forma dissensual e anônima.

Associados ao trabalho de caminhar pelas cidades de Careri (2016), Jacques (2014) diz que caminhar pela cidade sem planejamento é um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano. O errante vai de encontro à alteridade na cidade, ao Outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes. O errante vê à

cidade como um terreno de experiências e jogos e além de propor experimentar e jogar, eles também buscam transmitir suas narrativas errantes (JACQUES, 2014). Em consonância com Jacques, acrescentamos o que Fernandes e Herschmann (2015) nos trazem:

[...] a proposta de se colocar a deriva, não é aleatória, corresponde à um método com o intuito de entender a cidade como um espaço dinâmico, que se atualiza cotidianamente a partir das interações inteligíveis e sensíveis, e que pode alicerçar a construção das cartografias. (p. 298).

Através destas narrativas errantes, seria possível apreender o espaço urbano de outra forma, uma possibilidade para experiência e em particular para a experiência de alteridade (JACQUES, 2014); entendemos aqui que esta possibilidade defendida por Jacques está diretamente ligada com a ideia de Pereira e López Moya (2018) em assumir a precariedade e subjetividade do trabalho de pesquisa, captando as incertezas, o que está ainda em ebulação, em emergência e ainda não definido.

2.2 O exercício praticado

Após as análises das teorias já apresentadas, uma das disciplinas cursadas durante o período de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática, da Universidade Paulista - UNIP, ministrada pela Profa. Dra. Simone Luci Pereira, propunha entre outras coisas, a possibilidade de perceber e visualizar na prática, o que os autores das áreas da Arquitetura e Urbanismo, Geografia e mais recentemente, da área da Comunicação, vinham falando sobre o caminhar na cidade. Além de propor a possibilidade de iniciarmos uma construção metodológica considerando que o ambiente revelaria aos pesquisadores envolvidos quais afetos poderiam interferir nas possibilidades de ver, sentir e ouvir o território, se contrapondo com o que os autores das teorias estudadas chamam de “tentativas de pacificação dos espaços urbanos” (JACQUES, 2014), percebendo a fruição gerada pelo caminhar pelas cidades, captando as “não certezas” (PEREIRA; LÓPEZ MOYA, 2018), caminhando pelos “entres”, pelos “meio-lugares”, (CARERI, 2016).

De maneira resumida, as derivas propostas pela disciplina tinham como objetivo a análise da comunicação urbana, levando em conta a complexidade do

tecido social e material, o fluxo de pessoas, imagens, tecnologias pautadas na interculturalidade, ou seja, nas negociações culturais (PEREIRA; LÓPEZ MOYA, 2018).

As derivas efetuadas pelo Bixiga, nos permitiram apreender o que Canevacci (1993) chamou de comunicação urbana dialógica: perguntar e responder, dar e receber. Para o autor, a arte de se escutar entre duas subjetividades é refinadamente antropológica e, independente do assunto, só podemos passar à interpretação depois de uma disposição mental interativa, onde acolhemos e solicitamos os murmurios (CANEVACCI, 1993).

Para esta pesquisa, muitas derivas foram realizadas no Bixiga e em seus arredores, não apenas aquelas propostas pela disciplina; algumas com locais e horários definidos para que fosse possível visualizar a ação/atuação de atores específicos que contribuiriam para algum ponto de entendimento. Outras, sem horário e locais definidos, apenas como tentativa de apreensão do bairro, do que o seu dia a dia cotidiano proporciona aos seus agentes.

Em uma das derivas sem uma “pauta” prévia, em um bar local - Al Janiah²¹, que chamamos de equipamento cultural por ser bar e ao mesmo tempo se apresentar como casa de Cultura, local de resistência política, oferecendo programação distinta como oficinas de arte, idiomas, literatura, entre outras coisas - conhecemos uma importante fonte. Como já relatado anteriormente, conhecemos uma integrante de um grupo de pesquisa sediado na região do Bixiga, que além de nos fornecer insumos para nosso trabalho com informações, materiais, bibliografias e documentos sobre a formação do Bixiga, ainda contribuiu com relatos sobre o dia a dia e a maneira como os moradores/agentes se relacionam e interagem entre si. Esta deriva específica contribuiu ricamente nos dando acesso a uma porta de entrada ao ambiente comum do Bixiga, que não teríamos acesso apenas como pesquisadores “de gabinete”.

Não teríamos acesso através de pesquisas em mídias, redes sociais e atividades comerciais propostas pelos múltiplos agentes do Bixiga, uma vez que este relacionamento surgiu de uma “brecha”, do fato de frequentarmos e estarmos em um lugar que nada foi marcado ou combinado e o bate papo começou em uma noite em um bar local. Desta deriva, muitos contatos, encontros e visitas foram marcados e realizados, nos dando acesso à uma rede de relacionamentos, interações e

²¹ Disponível em: <<https://www.aljaniah.com.br/>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

socialidades, que certamente uma pesquisa a distância, teria dificuldades para acessar. O sair à deriva nos possibilitou ver com mais clareza as incongruências, as dissidências e sua complexidade e riqueza de detalhes.

Em uma outra deriva, já programada antecipadamente com data e horário para início, a proposta era caminharmos pelo Bixiga fora do horário comercial das casas noturnas, cantinas e restaurantes, com o objetivo inicial de analisarmos o cotidiano do bairro em um horário não destinado à turistas e clientes. Esta deriva tinha como objetivo visualizar o que Jacques (2014) chama de cidade opaca, longe dos espaços já pacificados; ou o que Careri (2016) chamaria de lugares do “entre”, pois é inevitável comentar que no senso comum uma parte da notoriedade do Bixiga se deu ao longo dos anos por suas cantinas italianas, casas noturnas e teatros, o que supostamente trouxe ao bairro um status de ponto de encontro noturno, como já comentamos no primeiro capítulo.

Estávamos em um grupo pequeno de doze pessoas e nos pusemos a caminhar pelas ruas e vielas do Bixiga, sem um roteiro prévio. Dentre várias apreensões, uma bastante interessante foi a visita à Casa do Mestre Ananias²². A Casa se apresenta como um Centro Cultural de tradições baianas e dentro de suas várias atividades, possui uma grade de horários e dias da semana específicos para atendimento e funcionamento. Chegamos sem nenhum aviso, em um horário em que nenhuma atividade estava em funcionamento. As portas da Casa estavam abertas e após pedirmos licença, fomos atendidos pelo responsável que nos convidou a entrar e conhecermos a Casa, nos pedindo desculpas por não poder nos dar “a devida atenção”, pois estava preparando um material (um vídeo) que seria publicado em uma rede social para divulgação de um evento que aconteceria nas semanas seguintes.

Mais do que captar uma ebulação, a atividade sem um pré-agendamento nos permitiu visualizar e até mesmo participar de uma atividade que posteriormente, a partir do relacionamento que naquele momento começou, contribuiu com muitas informações para não apenas este trabalho, mas para outras pesquisas que estão em andamento no nosso grupo de pesquisa, o UrbeSom²³.

²² Disponível em: <<http://mestreananas.blogspot.com/>>. Acesso em: 03 fev. 2019

²³ Grupo de Pesquisa em Culturas Urbanas, Música e Comunicação, coordenado pela orientadora deste trabalho, Profa. Dra. Simone Luci Pereira.

Entender como as dinâmicas comunicacionais ocorrem, podendo participar dos “making-offs”, os processos as emergências e observando quem são os agentes envolvidos e como atuam, contribuíram grandemente para este trabalho. É possível verificar que os moradores se ajudam mesmo sem ter um envolvimento “institucional” entre os agentes em questão. Por exemplo, mesmo sem ser participante das atividades da Casa ou sem ser um capoeirista ou nordestino, é possível encontrarmos moradores do bairro não só participando das atividades ou eventos propostos pela Casa, mas colaborando com os preparativos e com a organização dos eventos. Esses agentes atuam em uma rede interligada e super conectada. Mais do que um ativismo ou militância com o objetivo de uma mudança social macro ou estrutural, os agentes do Bixiga demonstram novas maneiras de fazer política e de se viver no urbano. De uma maneira peculiar os integrantes e simpatizantes da Rede Social Bela Vista misturam lógicas de ONG’s, com lógicas institucionais e lógicas ativistas. Rocha e Pereira (2017) explicam que as crenças dos coletivos, a celebração do encontro entre amigos ou desconhecidos, está de par a par ao modo como compreendem o projeto de sociedade que desejam construir. É interessada, afetual e implica na prática cotidiana, o que obviamente inclui o consumo de determinados produtos, o acesso a determinados serviços, a leitura de determinadas informações (ROCHA; PEREIRA, 2017, p. 179).

Dialogamos aqui com as noções de Harvey (2014) que afirma que o direito à cidade é entendido, simultaneamente, como uma queixa e uma exigência. A queixa seria com relação às condições desfavoráveis ao pleno desenvolvimento da vida cotidiana. A exigência, de que a partir de um novo olhar e novas práticas urbanas, é possível criar alternativas para uma vida cotidiana “menos alienada, mais significativa e divertida” (HARVEY, 2014, p. 11).

Os agentes do Bixiga militam e exercem seu modelo único de ativismo em prol de uma cidade melhor e buscando novas maneiras e práticas de viver no urbano. Não presenciamos este “estilo de vida ativista” do Bixiga apenas nas tomadas de decisões e discussões que presenciamos nos encontros da Rede Social Bela Vista, nosso foco nesta dissertação. Mesmo em eventos ou festas nas ruas, ou até mesmo em comércio ou casas noturnas, há uma prática que “aparentemente” se repete quando os objetivos são relacionados às questões de consumo cultural ou práticas do cotidiano relacionadas nas muitas maneiras de viver na cidade.

Esse “*modus operandi*” dos agentes do Bixiga conseguimos apreender e perceber em nosso trabalho de campo, ao longo desta pesquisa. Fato que nos permitiu visualizar a afirmação de Harvey (2014) que diz que o direito a cidade não é um direito individual, mas um direito coletivo concentrado (HARVEY, 2014. p. 246). Tomamos aqui a afirmação de Marino (2017) de que o direito à cidade não se traduz de forma literal e sim como o direito de criar possibilidades aos territórios.

3 A REDE SOCIAL BELA VISTA

Conforme explicado no capítulo anterior, muitas derivas pelo Bixiga foram feitas, com o objetivo de apreender, visualizar e captar as interações e ações entre os vários agentes (produtores culturais, comerciantes, simpatizantes, coletivos e moradores). Além da possibilidade de ir frequentando e conhecendo o comércio local de um modo geral (casas noturnas, restaurantes, padarias), a visitação de alguns equipamentos culturais também foram pontos iniciais de análise e estudo.

No início desta pesquisa - na fase ainda de definição e aprendizado das teorias que sequencialmente nos trariam clareza e entendimento sobre alguns assuntos basilares deste trabalho - os equipamentos culturais que visitávamos eram escolhidos de acordo com seu público frequentado, como, por exemplo, o Mundo Pensante²⁴ e o Al Janiah²⁵, que são estabelecimentos comerciais e culturais com a atividade principal de entretenimento, mas que além da atividade principal, agregam outras atividades como casa de cultura, local de cursos e oficinas ou centros de recreações e lazer, chamando atenção para uma característica diferente em relação a outros estabelecimentos de entretenimento do próprio Bixiga, por exemplo.

Quando iniciamos este trabalho, o interesse em princípio era conhecer e analisar as características de um consumo de cultura alternativa naquela localidade. Conforme a pesquisa de campo ia acontecendo, o próprio bairro foi apresentando suas características e outros agentes que não se mostravam inicialmente, começaram a aparecer. Esta aparição começou a acontecer de forma constante e recorrente possibilitando perceber nestas experiências de campo de inspiração etnográfica, que os mesmos agentes que produziam cultura em seus estabelecimentos comerciais à noite, por exemplo, consumiam a produção de seus vizinhos durante o dia. Estas relações foram se mostrando gradativamente e serão contadas ao longo deste capítulo.

Segundo Latour (2012), em sua análise sobre os movimentos que constroem e compõem o “social” devemos analisar os rastros dos atores ou sujeitos envolvidos, cientes que este social não se deixa apreender totalmente, não é de todo visível e não pode ser substantivado. O autor propõe a discussão sobre a interação dentro da

²⁴ Disponível em: <www.mundopensante.com.br>. Acesso em: 18 fev. 2019.

²⁵ Disponível em: <www.aljaniah.com.br>. Acesso em: 18 fev. 2019.

sociologia entre atores humanos e não humanos e qual a visão desses objetos e desses atores nas relações e interações humanas. Dentro desta discussão (teoria ator-rede) ele toma o social por uma cadeia, uma rede, que envolve nossas ações enquanto humanos e os objetos que movem e dão sentidos às nossas ações. Conceber estes objetos ou sujeitos, sob a perspectiva de Latour (2012), é dar a eles a possibilidade de ação, mesmo que estejamos falando de objetos ou sujeitos não humanos.

Considerar então as interações entre estes sujeitos/sujeitos /atores, neste modelo de rede, nos permite ter em conta que novas práticas de interações (LATOUR, 2012) propõem não só olharmos para os objetos, mas também para a cadeia entre os humanos e os não humanos e tudo o que ela representa, considerando que essa rede pode nos apresentar uma cadeia de relações, usos e apropriações.

Na explicação de Pires (2017) sobre a teoria ator-rede de Latour (2012), o engajamento dos actantes gera “pontualização”, ou seja, um momento, um instante, em que todos os elementos envolvidos no processo agem como se “fossem” um só, se tornando um ponto sólido, para se separarem e se dissolverem na sequência. Para Pires (2017), esse processo de estabilização seria, inclusive, uma tendência das associações de maneira geral, uma vez que os próprios actantes buscam alternativas para solucionar seus problemas. Para o autor, essa estabilização, mesmo que temporária, passa a ser sinônimo de credibilidade.

Dentro dos estudos da teoria Ator-Rede, este momento de “solidificação” ou de concordância, que são as caixas-pretas, significa refletir sobre questões resolvidas, estáveis e não tensivas, e justamente a ausência de problemas que caracterizam essas formações, segundo Pires (2017).

Usamos a teoria ator-rede (LATOUR, 2012) aqui, considerando que os agentes tenham uma maneira de lidar em suas rotinas e práticas do dia-a-dia, que nos permitam visualizar em determinados momentos, pontos em que o movimento dos agentes se mostrem como estáveis, agrupados ou ritmados, para em seguida se desagruparem e voltarem cada qual em seu ritmo, em sua cadência. Mas sempre vamos considerar os conflitos e embates como parte desse fluxo, desse ponto sem fluidez, sem afirmar que em momentos ou em determinadas questões que fizeram os agentes se apresentarem de maneira fixa e agrupada, supostamente sejam questões já resolvidas, estáveis ou estanques.

Acreditamos que o ponto de estabilização, mesmo que temporário, de fato aconteça e realmente gera estabilidade e credibilidade, mas não podemos afirmar que este ponto é “uma questão resolvida” ou “ponto de acordo”. Suspeitamos inclusive, que naquele momento e para aquela ação, os agentes possam se unir e se agrupar inevitavelmente causando e demonstrando a credibilidade para o que estão vivenciando ou fazendo em conjunto. Mas nada impede que, na sequência, mesmo que em outras situações ou instâncias, este mesmo “ponto de acordo” possa a vir ser questionado ou debatido.

Perceber as dinâmicas das associações e a lógica da caixa-preta, se faz necessário, estando atento aos conflitos, as controvérsias em constante mutação, que dão à esta relação uma complexidade e uma riqueza de detalhes com características próprias e específicas. Como exemplo, podemos citar a presença dos moradores que frequentam as atividades propostas pela Casa do Mestre Ananias e nos eventos organizados pelo Mumbi – Museu Memória do Bixiga. É possível verificar também que os responsáveis ou curadores dos equipamentos culturais não só participam das atividades propostas pelos outros grupos/agentes e colegas de bairro, como também trabalham na organização de eventos: em um evento de rua, organizado na Casa do Mestre Ananias, responsáveis por outro grupo/ coletivo prestaram serviço de “caixa” em uma barraca montada para venda de bebidas e comidas típicas. Em todas as atividades e festas na rua que estivemos ao longo desta pesquisa, presenciamos situações como esta frequentemente.

Visualizamos em campo, o que Canclini (2012) já na década de 1990 havia presenciado em seu trabalho de etnografia: a importância da colaboração entre os agentes nas culturas urbanas. O autor explica que naquele época estávamos entrando no que nomeou de a “era da colaboração” e que novas práticas de trabalho grupal, muitas vezes estimuladas pelas novas tecnologias da comunicação, criaram novas maneiras de articulações entre grupos. Em seu trabalho, naquele momento, Canclini (2012) apresentava os resultados de uma etnografia que analisava um estilo de vida juvenil nas culturas urbanas. É necessário mencionar que a proximidade física, pode até trazer uma certa facilidade quando presenciamos no Bixiga, responsáveis por um coletivo ou equipamento cultural, auxiliando ou participando na produção de um evento de outro grupo. Mas o que presenciamos com regularidade nos faz crer que a intensidade das relações não se dá apenas por isto.

Canclini (2012) explica que mais do que se sentir identificados pelas questões geracionais, os agentes se sentem parte de uma rede colaborativa que muitas vezes aglutinam indivíduos de idades, origens sociais e formações diferentes.

3.1 O primeiro acesso

Como contamos no capítulo anterior, nosso acesso à Rede Social Bela Vista, foi através de uma conversa informal em uma noite sem nenhum “roteiro” ou “razão” específica, em um dos estabelecimentos culturais que visitamos no Bixiga.

Nosso informante explicou que um grupo de comerciantes, moradores, responsáveis por coletivos, produtores culturais ou mesmo, simpatizantes, se reuniam mensalmente para tratar assuntos em comum do bairro do Bixiga. As reuniões aconteciam todas as primeiras quartas-feiras do mês. Os locais eram previamente definidos e compartilhados em um grupo de *WhatsApp*.

Além dos sites institucionais²⁶, a Rede Social Bela Vista também está nas principais plataformas das redes sociais, com perfis no *Facebook*²⁷ e *Instagram*²⁸. A Rede Social Bela Vista utiliza seus perfis nas redes sociais para divulgar ações pontuais ou as datas e horários dos encontros, mas a sua maior e mais constante forma de atuação são nas ações entre os agentes em eventos e programas previamente discutidos, efetuados no Bixiga.

A primeira reunião em que estivemos presentes, foi em uma quarta-feira do mês de abril de 2018, no Museu do Bixiga, que naquela ocasião ainda estava fechado ao público²⁹. A reunião havia sido agendada para às 10h00 e chegamos alguns minutos antes justamente para observarmos como se daria o início e a preparação do encontro.

O Museu Memória do Bixiga, local que abrigou este encontro, é sediado em um imóvel que no passado era uma residência. A princípio a fachada antiga (parecida com outras casas do bairro e da rua, naquela data, sem nenhuma identificação), deixava dúvidas se ali era uma residência ou um estabelecimento comercial. Como o

²⁶Disponível em: <<http://www.redesocialbelavista.com.br/>> e <<http://www.portaldobixiga.com.br/rede-social-bela-vista/>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

²⁷ Disponível em: <<http://www.portaldobixiga.com.br/rede-social-bela-vista/>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

²⁸ Disponível em: <[#redesocialbelavista](#)>. Acesso em: 18 fev. 2019

²⁹ Disponível em: <<http://mumbi.org.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

portão estava aberto, entramos e em nossa direção veio um senhor que se apresentou como um dos responsáveis pelo museu e imediatamente nos perguntou de onde éramos. Respondemos que havíamos sido convidados por um dos integrantes do Instituto Bixiga, que havia comentado que hoje aconteceria uma reunião da “Rede”. De maneira muito proativa e aparentemente “habituada” em lidar com “visitas”, o senhor me respondeu que ainda estava terminando de arrumar o espaço para a reunião e que naquele momento não poderia nos dar atenção, mas que ao final, conversaria conosco e tiraria nossas dúvidas.

Na sequência, um rapaz jovem, veio ao nosso encontro e se apresentou como curador do museu. Perguntou se já havíamos estado ali antes e quando respondemos que não, explicou que o museu estava fechado há alguns anos, mas que eles já estavam finalizando o processo e organização de documentos para reabri-lo. Disse que poderíamos ficar à vontade e inclusive conhecer os outros cômodos, nos pedindo para não reparar que muitos itens e objetos do museu estavam “bagunçados”, mas que muito em breve tudo estaria em ordem. O rapaz explicou que iria “passar” um café, enquanto o senhor organizava as cadeiras em círculos na sala à frente.

Em dos cantos da sala, havia placas e totens de uma exposição sobre um músico já falecido, que havia sido doada pela família, ainda moradora do bairro do Bixiga. No outro canto, uma fotografia do bairro da Bela Vista, em preto e branco, tirada de uma perspectiva aérea, medindo aproximadamente 1,00 metro de largura por 1,50 metro de altura. Era possível perceber um pontilhado feito com uma caneta marca texto de cor escura, que dividia a fotografia de ponta a ponta. Perguntamos ao senhor que organizava as cadeiras, se ele podia nos explicar o que significava aquele pontilhado e prontamente ele respondeu:

“- A marcação é o Bixiga.
- Como assim? perguntamos. – Como a gente sabe, onde começa e onde termina o bairro?

- Ahhh filha... Aqui, todo mundo sabe! Disse ele.”

Quando chegamos ao museu, apenas um casal estava acomodado e os dois haviam escolhido um lugar mais ao fundo. Aparentemente eles também estavam participando da reunião pela primeira vez, pois apresentavam um certo nervosismo.

Próximo ao horário marcado para início da reunião, o número de pessoas que chegava aumentou e era possível perceber que elas já vinham conversando da rua

ou estavam aguardando na calçada em frente ao museu. As pessoas iam chegando e se cumprimentando com um relativo entusiasmo, confirmado que a grande maioria dos participantes já se conhecia e era perceptível que os participantes sabiam quem estava ali pela primeira vez. Sentamos nas cadeiras mais atrás do círculo formado, para evitar chamar atenção e propositalmente de um bom ângulo de observação. Com a sala cheia, a reunião começou.

Quem deu início a reunião foi uma moça jovem, por volta dos seus trinta anos. Era visível que ela conhecia um a um dos participantes que já faziam parte do grupo, e que estava curiosa em conhecer as pessoas que estavam ali pela primeira vez. Ela sugeriu que então, cada um se apresentasse para que todas as pessoas soubessem quem e porque estava ali. A jovem sugeriu que o primeiro a falar fosse o senhor responsável pelo museu.

O senhor então começou explicando que era amigo do sr. Armandinho do Bixiga, morador do bairro que no início da década de 1980 - após perceber que com a chegada massiva dos nordestinos ao bairro, as tradições e hábitos da cultura italiana estavam se perdendo – decidiu mobilizar a vizinhança para que fosse fundado um museu que preservasse a memória dos italianos que em seu ponto de vista, participaram da criação do Bixiga. O responsável explicou que na década de 1990 o museu recebeu a visita da ministra Zélia Cardoso que iniciou o processo de “institucionalização” do museu. O processo estava há alguns anos em trâmites judiciais, em busca da regularização documental e tributária do imóvel, pois somente com toda a documentação regularizada o museu poderia ser reaberto. Isso de fato ocorreu meses após a primeira reunião que participamos.

Após esta primeira apresentação, vamos dar uma pausa no relato desta primeira reunião e chamar atenção para um interessante ponto de conflito, não entendido aqui como algo negativo, mas sim uma possível narrativa apropriada para um determinado fim. Um interessante nó da rede que compõe o Bixiga.

Como já apresentamos no primeiro capítulo, não apenas os italianos, foram os responsáveis pela formação do bairro do Bixiga. A comunidade negra já estava ali e permanece até hoje, contribuindoativamente com elementos culturais, que foram estruturais para a formação do bairro, e que trazem muitas visibilidades ao local. Por quais razões, a chegada massiva dos nordestinos ao bairro, gerou a necessidade da criação de um museu destinado a “permanência da cultura e das tradições italianas”?

Para esta primeira observação, vamos dialogar com Yúdice (2004), que já relatava na época em que escreveu a “conveniência da cultura”, uma “cultura do consenso”, que simbolizava práticas como o samba, o pagode, a capoeira como parte de um *status social* e econômico dos não branco, na luta para definir a brasiliade. Yúdice (2004) critica esta “cultura do consenso” explicando que já nas décadas de 1980 e 1990, em decorrência do início de uma transição à democracia, veio à tona a inviabilidade da emancipação social e política através das práticas culturais que faziam parte de um “consenso”. Naquela época, a cena cultural já estava em rápido processo de mutação e já era utilizada pelos movimentos sociais como possibilidade de crítica às imposições do poder hegemônico.

Será que as questões político-sociais da época, somadas ao uso da própria cultura como recurso, não fizeram com que a solução para um possível ponto de tensão (considerado aqui pelo relato de um dos responsáveis pelo museu do Bixiga), fosse a criação de um museu, como uma suposta forma de legitimar a cultura italiana que já era conhecida, na cidade de São Paulo?

A busca pela criação de um lugar da memória (NORA, 1993; PEREIRA, 2004) revela a vontade de criar tradições devido à aceleração da história, mas também pela vontade de cristalizar alguns elementos memoriais que se quer legitimar e afirmar, onde a memória se mostra em sua face dinâmica entre lembranças e esquecimentos, naquilo que se quer e se permite lembrar e esquecer, numa disputa simbólica pela apropriação mais legítima e aceita sobre o que seja o a “real” história do Bixiga, em que o passado é usado como fonte para buscar outorgar sentidos e necessidades do presente.

Podemos ressaltar que a criação do museu, naquele momento, foi um ponto de estabilização da rede, um ponto de congruência entre os agentes ou actantes, (PIRES, 2017), como nos sugere a teoria Ator-Rede, uma resposta a um conflito que não só permitiu que as relações continuassem, mas trouxe visibilidade a todos os moradores, frequentadores, consumidores e simpatizantes do bairro.

Retornamos ao relato da reunião. O senhor responsável pelo museu devolveu a palavra à jovem moradora do bairro, que ao se apresentar explicou que além de ser moradora, também era responsável por uma das muitas associações de moradores da região, a SODEPRO – Sociedade de Defesa das Tradições e do Progresso do Bairro do Bixiga. Em suas redes sociais a SODEPRO se apresenta como responsável

pelo Centro Memória do Bixiga. Criada em 2007, a associação descreve como missão “salvaguardar, consolidar, ampliar e disponibilizar as informações contidas em seu acervo pessoal ao maior número de pessoas”³⁰. Desde 1930 a 2000 o edifício era uma residência, e em 2007 passou por pequenas adaptações para tornar-se uma instituição museológica. Em 1985 teve seu tombamento solicitado aos órgãos responsáveis, o que só aconteceu em 2002.

A jovem moradora e coordenadora dos trabalhos da Rede, deu início à reunião explicando como seria a dinâmica de apresentações e qual o propósito específico daquele encontro. Explicou que a reunião seria para discutir assuntos relacionados ao evento “13 na 13”, evento que aconteceria no mês seguinte (maio de 2018), e que seria utilizado para que todas as entidades e associações do bairro pudessem mostrar seus trabalhos e fortalecer os vínculos com a comunidade. Palavras da jovem: “O 13 na 13 funcionará como um termômetro para avaliarmos as coisas que estão acontecendo no bairro pois durante o dia várias entidades se apresentaram e isso traz visibilidade ao Bixiga”.

Visualizamos aqui o que Rocha e Pereira (2017) explicam sobre práticas ativistas: para as autoras, esses grupos estão atentos às brechas (na cidade, na mídia de massa, nas redes sociais) e apontam para certa reinvenção dos espaços públicos, acionando para tanto seus modos particulares de estar juntos, de habitar a cidade, de se informar e de se divertir (ROCHA; PEREIRA, 2017, p. 185). Um encontro mensal para tratar assuntos de ordem coletiva e, mais precisamente neste encontro que participamos, para planejar e organizar um evento que objetivava ser um “termômetro”, reafirma um específico e próprio modo ativista de fazer e viver do Bixiga e mais especificamente da Rede Social Bela Vista, em que sentidos lúdicos, festivos, não se separam de sentidos políticos e de lógicas dos consumos culturais contemporâneos, como se pôde perceber nas falas e ações de outros agentes atuantes na Rede.

A seguinte pessoa a falar foi um homem, por volta dos seus quarenta anos que se apresentou como coordenador da ABRACE – Projeto de Responsabilidade Social do Hospital Sírio Libanês. Em suas redes sociais, o grupo se apresenta como um projeto de promoção à saúde, qualidade de vida e educação profissional para as famílias do bairro da Bela Vista. Eles informam que “as atividades são estruturadas

³⁰ Disponível em: <<http://www.centrodememoriadobixiga.org/>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

de forma a contemplar não apenas as questões de saúde em âmbito familiar individual, como também, familiar e comunitário”³¹.

O funcionário do hospital Sírio libanês explicou que o grupo oferece muitas atividades para crianças e idosos, como oficinas de artes, capoeira e alfabetização de adultos. Explicou também que o período de inscrições era sempre no primeiro dia útil de cada mês e fez questão de enfatizar a diversidade do público atendido, relatando que além de crianças, no último ano havia ocorrido uma grande participação dos idosos, inclusive mencionando que seu aluno mais velho havia completado 93 anos.

Na sequência, se apresentou uma senhora, relatando ser moradora do bairro há mais de 20 anos e explicando que estava participando das reuniões principalmente para dividir uma dificuldade que vinha passando, que acreditava ser de interesse de toda a comunidade do bairro. Esta senhora explicou que em sua residência, havia “criado um projeto” chamado de “Casa rural no urbano” e locava quartos à turistas e estudantes que procuram se hospedar na região. Nas redes sociais encontramos o projeto mencionado³² na plataforma do *AirBnb*, se apresentando como possibilidade de conciliar a dinâmica urbana e o sossego da natureza.

Esta senhora informa ter uma nascente do Rio Saracura em sua propriedade, um jardim comestível, e que realiza o manejo dos resíduos. O espaço por ela criado, se denomina um espaço de contato com ativismo socioambiental e cultural da cidade, ainda mais por estar por estar no Bixiga, próximo a espaços culturais, opções gastronômicas variadas e acesso fácil à Av. Paulista e ao Metrô

Chamamos a atenção aqui para uma maneira de utilizar as questões culturais como fonte de vida e sustento pois de fato ficou claro a preocupação com as questões ambientais, mas a “propaganda” da proximidade à um *hub* de gastronomia, cultura e lazer, supostamente trataria uma visibilidade comercial. Ela se apresentou como arquiteta aposentada e possuidora de um foco e interesse na preservação de áreas verdes e pelos espaços ameaçados, em geral pela especulação imobiliárias. Ela também atua no Projeto do Parque Augusta³³ e, conforme suas próprias palavras

³¹ Disponível em: <www.hospitalsiriliberanes.org.br/responsabilidade-social/projetos-de-apoio-aos-sus/projetos/assistencia-parcerias-com-gestores-local-federal-saude/Paginas/abrace-bairro.aspx>. Acesso em: 25 fev. 2019.

³² Disponível em: <www.airbnb.com.br/rooms/16189077>. Acesso em: 25 fev. 2019.

³³ Desde a década de 1970, um terreno com aproximadamente 24.600 metros quadrados, localizado na confluência da Rua Augusta com a Rua Caio Prado e a Rua Marquês de Paranaguá era o motivo de embates judiciais. De um lado grandes construtoras que almejavam construir um complexo de torres residências. Do outro, indivíduos, coletivos e associações que defendiam a manutenção de um parque.

“vivendo atualmente o Projeto do Parque Bixiga”. Explicou que na sua casa há um olho d’água, uma nascente do Rio Saracura, que está atualmente ameaçado pela especulação imobiliária. Conta com um parceiro de ativismo nos parques e vem buscando apoio para embargar uma obra na Rua Joaquim Eugenio de Lima, em uma residência também tombada, que vem sofrendo uma reforma irregular (supostamente tenha pertencido ao próprio Joaquim Eugenio de Lima). Contou que já havia encaminhado pedido de apoio à vereadores que militam por causas verdes e questões ambientais e estava chamando a atenção para a maneiras com que as grandes empreiteiras vinham agindo no bairro.

Neste ponto, vamos pausar o relato das apresentações na reunião, chamando atenção para uma característica importante observada entre os integrantes da Rede Social Bela Vista e o seu viés ativista. O ativismo pode ser visto em muitos dos agentes do bairro, independente de idade, gênero, classe social ou poder aquisitivo. O ativismo presenciado ali é um ativismo que faz parte de um certo estilo de vida, visível no momento em que ele está em ação, mas também presente nas questões do dia-a-dia, da vida cotidiana dos moradores do Bixiga, salientando uma certa politização do cotidiano, em que o domínio do político escapa das esferas institucionais e formais e alcança aspectos da vida de todo dia.

Concordamos com Rocha e Pereira (2017) quando dizem que os ativistas analisados por elas divergem quando se trata de relacionar políticas institucionais e ativismo: para uns, se trata de campos separados, até mesmo cindidos; para outros, um plano pode catalisar o outro. Contudo eles coincidem ao atribuir ao ativismo a horizontalidade e a concepção de disputa de poder, incluindo as que se dão em torno das possibilidades de enunciação (ROCHA; PEREIRA, 2017, p. 185). Da mesma forma, vemos isso entre estes ativistas/agentes do Bixiga pois a defesa por suas causas e seus ideais compõem e agregam seu estilo de vida e estão fortemente presentes e em ação em seu dia-a-dia, em sua vida cotidiana. Justamente pela presença rotineira, em determinados momentos eles cedem em suas ações para que o agente/amigo ou morador ao lado, exponha suas reivindicações e o ativismo pelo bem em comum – o bairro – nunca sai do centro ou perca visibilidade.

Em agosto de 2018 a justiça foi favorável às questões sociais-ambientais e o terreno passou a ser um bem público e comum. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/900128/sao-paulo-ganha-o-parque-augusta-finalmente>. Último acesso em: 24/03/2019.

Este ativismo é um ativismo cultural, social, afetual, econômico e urbano; diretamente ligado às noções sobre os usos dos espaços da cidade e da ocupação do urbano. Esse certo “*ethos* ativista” se dá em várias áreas da vida, e presente no dia a dia, devido a um deslocamento da noção de política (nos últimos anos) apenas das esferas estatais e institucionais, para uma politização do cotidiano, como já dissemos. As células ou a rede onde os múltiplos agentes do Bixiga atuam, produzem e utilizam o consumo cultural de maneira ativista, para suas práticas políticos sociais e para a sua vida cotidiana. Este ativismo, geralmente perceptível no momento em que disputas e negociações estão em foco, é uma característica latente dos agentes envolvidos nas dinâmicas comunicacionais no Bixiga e nos permite afirmar que tais disputas e conflitos também fortalece as fibras do tecido social que ali existe.

Importante mencionar que durante toda a pesquisa, em outras atividades de pesquisa de campo, encontramos esta mesma senhora, que relatou os problemas com uma obra próxima em sua residência, em outros três eventos que aconteceram no Bixiga, por outras causas que supostamente não possuiam nenhuma relação com seu problema, ou com a causa pela qual milita. Porém, ficou claro com a sua fala na reunião da Rede Social Bela Vista e com a sua participação em outros eventos/atividades do bairro que o “*ethos* ativista” permite a participação em causas que alternam sua visibilidade entre si, mas que tem como centro as questões em prol do Bixiga.

Voltando para o relato da primeira reunião da Rede Social Bela Vista, o seguinte a se apresentar foi um funcionário do SESC (Serviço Social do Comércio), que explicou que estava ali para divulgar um espetáculo que aconteceria nos próximos dias ao da reunião. Neste momento, o funcionário do SESC foi interrompido pela jovem que deu início a reunião. A jovem reforçou aos participantes que todo o morador do bairro do Bixiga, que esteja cadastrado na Rede Social Bela Vista, tem isenção nas taxas de matrículas nos cursos de formação ou especialização, nas unidades do SESC.

Outro aspecto importante apresentado por Yúdice (2013) no uso da cultura como recurso: há uma negociação em questão quando o SESC, uma entidade vinculada ao mercado cultural e agentes hegemônicos, comparece à uma reunião de moradores do bairro, para convidar tais moradores à participação em um determinado espetáculo musical ou teatral. Na sequência, a responsável que está de certa forma

“presidindo” esta reunião, legitima tal convite, quando reforça que esta mesma entidade concede um determinado benefício aos próprios moradores.

Continuando as apresentações na reunião, a palavra foi dada ao responsável pela Casa do Mestre Ananias. Foi explicado aos ouvintes/participantes que além de divulgar a cultura e as tradições baianas aos moradores e frequentadores, a iniciativa assistia crianças carentes do bairro, dando aulas de capoeira todas as terças-feiras. Neste momento, vale ressaltar que a jovem que presidia o grupo, se voltou para nós, que ainda não havíamos nos apresentado, e nos disse que seria bom que conversássemos com o responsável pela Casa³⁴. Ao curador, ela disse: “é bacana que você converse com o pessoal que está pesquisando o bairro”.

O interessante aqui é reforçar que mesmo que nós ainda não tivéssemos nos apresentado, a jovem já sabia quem éramos e qual era nosso interesse na reunião e, por motivos que talvez estejam relacionados com a estratégia de atuação do próprio grupo, pediu ao curador que depois conversasse conosco, como se naquele momento, o que ele teria para nos contar, atendesse ao nosso interesse.

Importante registrar que além dos teatros, o Bixiga possui uma série de equipamentos culturais que não foram citados ao longo deste trabalho, mas que foram visitados e observados. Por uma decisão que levou em conta uma característica ativista - que em princípio entendemos ser características compartilhada entre os agentes da Rede Social Bela Vista – acabamos constatando que esta forma de atuação de fato, era presente nos integrantes da Rede.

Em seguida, apresentaremos as percepções e análise de um equipamento cultural que não faz parte da Rede Social Bela Vista, mas à sua maneira, também atua na produção cultural e em benefício do Bixiga.

3.2 A Casa de Dona Yayá

Casa de Yaya é o nome popular - referenciando sua última moradora Sebastiana de Melo Freire (D. Yayá) - dado à uma construção histórica no bairro do

³⁴ Como já relatado anteriormente, em uma outra atividade de campo, estivemos na Casa do Mestre Ananias, sem aviso ou agendamento prévio e tivemos acesso à uma série de informações sobre suas práticas culturais. A Casa passou a ser objeto de estudo de um dos pesquisadores que integra nosso grupo de pesquisa.

Bixiga, uma das poucas que ainda preservam os padrões arquitetônicos do início do século XX, construída em 1902 e atualmente administrada pelo Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC), que é um centro para a elaboração de reflexões e ações relacionadas à coleta, conservação, pesquisa, experimentação e comunicação de testemunhos do patrimônio cultural da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP.

Segundo o CPC, Sebastiana de Melo Freire, apelidada pela família de Yayá, teve uma infância comum para as famílias de alto poder aquisitivo e padrões elevados do final do século XIX. Ao entrar na adolescência, inicia uma sequência de tragédias que interferiram de maneira drástica no rumo de sua vida. Perdeu seus pais aos treze anos de idade em um intervalo de dois dias e seu único parente vivo, um irmão mais velho, se suicidou quando ainda tinha 18 anos. Cartas e documentos expostos no CPC contam que Yayá era uma moça à frente de seu tempo, que gostava de saraus, falava outros idiomas, amante das artes, se recusou a casar, sendo considerada uma mulher à frente de seu tempo.

Aos 27 anos de idade (meados de 1914), Sebastiana começa a dar sinais de uma suposta “crise dos nervos”³⁵ e por recomendações médicas deixa sua residência no centro de São Paulo e passa a viver em uma chácara afastada, no Bixiga, que na época fazia um cinturão de casas rurais, afastadas da capital paulistana. Reformada para atender as necessidades de sua moradora, supostamente louca, a Casa de Dona Yayá teve o salão central transformado em dormitório, portas internas ganharam visores para que os funcionários não precisassem lidar diretamente com a moradora, portinholas foram instaladas para a passagem de refeições e banheiros alargados. As janelas receberam um mecanismo que permitiam a abertura apenas pelo lado de fora e alguns anos depois foi construído um *solarium* para que Dona Yayá pudesse ficar ao ar livre³⁶.

Diretamente ligado à construção do bairro do Bixiga sob o ponto de vista cultural, o casarão é uma das poucas construções remanescentes do período que

³⁵ Nas paredes do Centro de Preservação Cultural – Casa de Yayá, toda a história da moradora é contada através da exposição das petições judiciais da época, onde os tutores legais justificam por exemplo, a necessidade de interdições judiciais para poderem ter acesso à fortuna de Dona Sebastiana de Melo Freire. Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/cpc/index.php/casa/dona-yaya/>>. Acesso em: 03 dez. 2018

³⁶ Mesmo após reformas e restaurações, as adaptações impedindo que as portas fossem abertas por dentro e que Dona Sebastiana não tivesse contato físico com os empregados, foram preservadas e ainda podem ser vistas nas visitas ao local.

remontam as primeiras construções do bairro que se destinavam às propriedades rurais.

Além da história de confinamento psiquiátrico privado vivido por Dona Yayá, que exemplifica por meio das reformas e adaptações feitas no casarão a maneira como a loucura era tratada no início do século XX, as cartas e bilhetes escritos pela moradora e as petições judiciais de seus tutores; expostas aos frequentadores do CPC, sinalizam tanto um olhar diferente às mulheres que optavam em não seguir as tradições da época, quanto ao fato de talvez, subjugar os amantes da música e de sarais chamados também de boêmios.

A Casa de Yayá ganhou fama ao longo dos anos, pois moradores do bairro do Bixiga contam muitas histórias, dos gritos, choros e delírios da moradora, ouvidos por muitos anos em que ficou confinada em sua casa. As histórias contadas contribuíram para que o casarão ficasse com fama de mal-assombrado atraindo interessados em suas muitas histórias e “causos” de terror. Atualmente o Casarão possui uma programação cultural que atrai públicos de todas as idades e conta com ensaios semanais do grupo de música da USP, com apresentações eventuais que causam interesse tanto nos moradores do bairro quanto em quem está em busca de apresentações musicais ou buscando conhecer a história do lugar. Além da programação cultural, é sede da Universidade Aberta a Terceira Idade, como uma série de cursos disponíveis como por exemplo, ciências políticas, introdução ao direito, história da música, astrologia etc.

O Centro de Preservação Cultural está nas redes sociais e o público pode receber e acompanhar seus conteúdos e programações em suas páginas³⁷.

Talvez, por se tratar de um equipamento cultural construído pelo poder público uma vez que a intervenção da esfera pública passou a utilizar o casarão como sede do Centro de Preservação Cultural, a Casa de Yayá mantenha um “ar” elitista, museal, e institucional comparado aos outros equipamentos culturais do bairro do Bixiga. Diferentemente da criação ou construção de equipamentos culturais³⁸ das últimas décadas, em que as transformações econômicas baseadas na desindustrialização das cidades e na produção de bens manufatureiros foram substituídas por

³⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/cpcusp>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

³⁸ Utilizaremos a definição de “equipamentos culturais” usada por SELDIN, (2015), que são edificações destinadas às práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, museus), quanto grupos de produtores culturais (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, etc.).

transformações econômicas baseadas na provisão de serviços e produtos culturais (SELDIN, 2015), o casarão e seus jardins continuam como parte integrante do bairro, como se não houvesse ocorrido nenhuma intervenção da esfera pública. Desde 2004 o prédio foi ocupado pela USP, mas os moradores ainda se referem ao local como Casa de Yayá e não como museu, centro cultural ou parte da Universidade.

Após o falecimento da moradora, em 1961, por não possuir herdeiros, o imóvel e toda sua herança foi considerada vacante e seus bens foram definitivamente transferidos para a Universidade de São Paulo; o Centro de Preservação Cultural foi criado em 2002 e é um órgão subordinado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Cidade de São Paulo que constitui a Comissão de Patrimônio Cultural³⁹. Nas visitas ao local é comum encontrarmos moradores do bairro que vão aos jardins do Centro apenas para descansar, utilizando os jardins do casarão como extensão de suas próprias residências, ali nas redondezas. Em visitas ao bairro e nas participações das reuniões da Rede Social Bela Vista, quando perguntamos por que os representantes de um agente tão importante do bairro não participavam da Rede, a resposta dada pelos moradores, é “que eles se acham elite e não se misturam com a gente”.

Destacamos, nesse sentido, o que Harvey (2014) afirma como potencial político daqueles que produzem arte e cultura. Para ele, na cultura popular, ou seja, na produção cultural cotidiana se encontra um espaço de esperança para a construção de algo diferente e disruptivo; trata-se, portanto, de um espaço importante de ação política (p. 201).

Diante de toda a notoriedade de Dona Yayá e da curiosidade e fascínio que sua história de enclausuramento em sua residência desperta em algumas pessoas, é de se estranhar que entre os demais agentes do Bixiga (participantes da Rede Social Bela Vista) e os dirigentes da Casa, não haja uma maior interação. Talvez, levantamos aqui a hipótese de que a maneira mais distante e institucional com que o Centro de Preservação Cultural age e se posiciona em relação aos demais agentes do Bixiga, tenham causado um afastamento dos demais agentes.

Além de ressaltar o potencial político daqueles que fazem cultura, Harvey (2014) também nos explica que os coletivos culturais que se enquadram nessa possibilidade

³⁹ Dados obtido na página oficial do Centro de Preservação Cultural da USP. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/cpcusp/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 28 jan. 2018.

por meio de suas intervenções, podem fazer com que elas próprias se tornem uma potente arma na luta de classes (p. 201). O argumento do autor nos faz levantar a hipótese de que mesmo diante da notoriedade e fama da Casa de Dona Yayá, a ausência de participação na produção cultural cotidiana no Bixiga, tenha feito com que um possível “importante agente”, seja e tenha uma simples participação e coexistência coadjuvante com o bairro.

A Casa de Yayá como agente/sujeito equipamento cultural, não possui características e maneiras de atuação como os demais agentes do bairro. Tais características são o que Rocha e Pereira (2017) explicam sobre o ativismo de alguns grupos e coletivos, que aqui entendemos ter muita similaridade ao que presenciamos ao longo deste trabalho, no bairro do Bixiga:

Seu desejo de mudança aponta claramente para o dia-a-dia, demandando novamente, a politização do cotidiano. Suas disputas, o sabem, são também simbólicas, e por isto buscam outros modos de narrar a si e ao mundo em que vivem e de relacionar com os outros. Buscam constituir outra visão de mundo e sabem que para tanto devem dominar estratégias de comunicação. Em suas subjetividades pensantes performatizam e reinventam os sentidos do pertencimento. (ROCHA; PEREIRA, 2017, p. 186).

Por se tratar de um equipamento cultural vinculado à Universidade de São Paulo, sua programação segue normas e determinações da Universidade. Por este motivo, a grande maioria das “pautas” não necessariamente estão em sintonia com questões da atualidade ou questões que estão na suposta “agenda” do bairro ou da Rede Social Bela Vista.

Em uma das várias visitas, pudemos observar um fato interessante. Como já relatado anteriormente, o Bixiga figura em uma disputa judicial contra um grande grupo empresarial que busca construir um condomínio de alto padrão em um terreno do bairro. O CPC anunciou em suas redes sociais que em 05 de maio de 2019 que haveria uma aula/sessão na programação chamada de Domingo na Yayá: “Conversa com pesquisadores: o bairro do Bixiga – O concurso nacional de ideias para a preservação e renovação do Bixiga”.

Havia aproximadamente 15 pessoas, (um público considerado bom, segundo um dos organizadores, se levarmos em conta que se tratava em um domingo, próximo ao horário de almoço), mostrando-se como um público maior do que o de outras

atividades semelhantes em que pudemos participar. Entre os participantes estavam moradores, pesquisadores e alunos da USP.

Segundo Marreti (2018) - professor convidado pelo CPC para ministrar a palestra - em 1990 a Prefeitura Municipal de São Paulo, sob gestão da prefeita Luiza Erundina, decidiu fazer um concurso de ideias para a renovação do bairro. O autor explicou durante a apresentação na Casa de Yayá detalhes sobre o concurso, a dinâmica e critérios de sua organização e seu resultado. Em 1990, segundo o autor, os principais pontos que fizeram com que a Prefeitura escolhesse o Bixiga e não os outros bairros elegíveis (Cambuci, Vila Mariana, Liberdade e Vila Madalena) para esta intervenção foram: a) um ponto de culturas negra e italiana; b) carisma da cidade em relação ao bairro; c) perigos relativos à violência dos gentrificadores e especuladores imobiliários d) uma grande quantidade de associações de moradores e) uma grande quantidade de manifestações artísticas e culturais articuladas e por fim, f) muitas disputas e debates políticos e diversas sedes de partidos políticos sediados no Bixiga.

Abrimos um hiato aqui para registrar que mesmo de uma fonte da Arquitetura e Urbanismo, é possível visualizar a interculturalidade (CANCLINI, 2003) associada as noções dos usos da cultura como recurso (YÚDICE, 2013): a decisão do poder público em envolver a população em uma discussão sobre o uso dos espaços da cidade, de forma inédita, segundo os pontos mencionados pelo pesquisador, levou em conta a interculturalidade (CANCLINI, 2003) presentes no bairro e sua atuação no uso da cultura como recurso (YÚDICE, 2013) que vinha sendo posta em prática pela comunidade local.

Na pesquisa de Marreti (2018), importante registrar que o concurso estava inserido em um contexto de mudanças sociais no Brasil que foram preponderantes nas decisões do poder público: um processo de redemocratização, críticas aos tombamentos e uma conscientização do direito à cidade, onde os cidadãos não só deveriam usufruir, mas também fazer parte (MARRETI, 2018). Sobre a aula/palestra assistida, é importante mencionar que o pesquisador explicou que um dos pontos que lhe chamaram atenção em sua pesquisa, era que a tensão entre os moradores, frequentadores e órgãos públicos era constante e evidente. Segundo ele, mesmo em 1990 havia um medo constante dos moradores quando se ouvia falar em reorganização ou revitalização do bairro. Outro ponto de tensão e embate eram as definições sobre os cortiços: de um lado um estigma sobre os moradores dos cortiços

não serem vinculados ao bairro por sempre estarem sempre se mudando; do outro o problema da discriminação sofrida pela população nordestina, habitualmente moradora dos cortiços.

Observamos que quando o palestrante abriu para o debate e a participação dos presentes, quase todo morador ou ouvinte que queria fazer uma pergunta, antes de perguntar contou por que estava ali e resumiu sua experiência ou seu interesse pelo Bixiga. Essas participações acrescentaram informações caras ao nosso trabalho, a saber, novas percepções sobre as dinâmicas comunicacionais observadas sob o ponto de vista de uma entidade sob a gestão do poder público e institucional e suas redes de relacionamentos e participações. Também participaram moradores e integrantes da Rede Social Bela Vista na palestra e talvez, por estarem em um ambiente diferente dos pontos de encontro da Rede, mesmo concordando com algumas opiniões colocadas, a maneira de se posicionar foi diferente. De certa maneira, independente de se tratar de uma opinião ou posicionamento que concordasse com o que havia sido dito, a maneira de opinar ou de se posicionar, era mais formal e distante.

Não podemos afirmar que a palestra proposta foi uma coincidência, uma vez que o bairro enfrenta um embate judicial para definir a utilização de um terreno como praça / equipamento cultural; mas importante apreender que as opiniões dos participantes e integrantes do evento não são tão alinhadas como as participações de eventos vinculados aos agentes da Rede Social Bela Vista. Conflitos e tensões foram observados em muitas outras situações, mas de certa maneira, o ativismo característico nos moradores e simpatizantes do bairro aparentemente também causa uma certa resiliência e um menor tempo de resposta entre eles; principalmente nas tomadas de decisões quanto as pautas e frentes que serão levantadas. É como se justamente por estarem habituados em apresentar, vivenciar e discutir pautas para os temas e discussões que trariam visibilidades ao Bixiga, eles também anteviessem os possíveis questionamentos e conflitos que estas pautas podem trazer.

De certa forma, vemos o que Pires (2017) explica, baseado na teoria Ator-Rede, sobre os possíveis pontos de estabilização temporária, em decorrência de uma espécie de agrupamento ou estabilização dos agentes frente às tensões. Além de acontecer de forma ritmada e cadente entre os agentes da Rede Social Bela Vista, os conflitos, quando aparecem, mostram-se como um elemento “natural” da vida e

atividade ativista e política, tornando-se um exercício habitual, e acontecendo de maneira muito mais frequente do que entre agentes que não possuem tanta convivência ou não compartilham do mesmo *ethos* “ativista” de viver e pensar. Talvez quando analisamos as ações do CPC – Centro Preservação Cultural / Casa de Yayá, por estarmos falando de uma entidade gerida pelo poder público, as maneiras de diálogos e propostas para uma nova forma de pensar e viver nas cidades não combinem com o ativismo vivido e proposto pelos agentes da Rede Social Bela Vista. Não significa que tais formas de pensar e viver nas cidades sejam antagônicas, mas diferentes.

Em um determinado momento, um participante interrompeu a discussão quando se falava sobre a italianização do bairro; para ele, por mais que os negros morassem no Bixiga anteriormente aos italianos, ele se sentia incomodado em saber que entre as décadas de 1970 e 1980, muitas das lembranças e tradições italianas corriam o risco de se perder. Continuando sua explicação, este mesmo morador explicou que as lembranças e tradições narradas pelos negros do Bixiga também são apropriações de outras narrativas pois segundo ele, a tradição de lavar as escadarias do bairro do Bixiga seria uma “cópia” das tradições baianas da lavagem das escadarias do Senhor do Bonfim. Este participante finalizou sua fala explicando que os italianos chegaram aqui em uma condição difícil uma vez que estavam fugindo da guerra.

Em outro momento, um segundo participante, já em uma posição aparentemente contrária, explicou que não há relatos históricos que se confirmem, mas a mudança do nome do bairro que antes era de Bexiga e por volta dos anos 1990 passou a se chamar Bixiga, se deve, conforme ele, “a uma tentativa de italianizar o som ao se pronunciar o nome do bairro, pois o Bixiga ficaria mais próximo ao sotaque italiano”. Complementou, afirmando que na época esta ação fez parte de uma tentativa de “italianizar” o bairro e consequentemente, apagar a memória de reduto negro ou antigo quilombo.

Importante ressaltar que em nenhum momento ao longo desta pesquisa, consideramos pontuar ou questionar entre os moradores ou até mesmo entre as muitas teorias e relatos históricos do Bixiga, se havia uma narrativa mais legítima ou de maior relevância – se é que isto seria possível - ou ainda, analisar os tensos posicionamentos e embates entre os grupos nordestinos, negros e imigrantes. Muitas

tensões, estigmas, discursos racistas e homofóbicos (mesmo que disfarçado com uma roupagem de preservação de memórias) foram vistos, presenciados, ouvidos e o que tentamos considerar e registrar foi que o grande nó e a densa trama do tecido social que compõe o Bixiga e seus agentes, é fruto de um grande, complexo e intenso processo de interculturalidade (CANCLINI, 2009), que inclui negociações e também conflitos e disputas. Para o autor a interculturalidade seria um conceito mais adequado que o de multiculturalismo - tão em voga nos anos 1990 -, uma vez que este último salientava mais a diferença e não propunha formas de negociação. A noção de interculturalidade, ao contrário, foca nas zonas de contato e conflito entre as culturas, os lugares intersticiais onde as diferenças se encontram e têm que negociar e disputar sentidos.

Os relatos e memórias que nos foram contadas pelos agentes do Bixiga, têm relação com o que Silva (2001) expõe sobre uma maneira subjetiva e grupal de chamar culturas: Os processos imaginários se constroem segundo:

diferentes pontos de vistas urbanos e assim, haverá uma cidade de mulheres segundo os pontos de vista femininos, ou uma cidade juvenil ou anciã, de acordo com os pontos de vista de jovens ou idosos. Cada urbe, do ponto de vista cultural, será entendida definitivamente como a soma hipotética de diferentes pontos de vista cidadãos. [...] Os imaginários apontam para a experiência humana de construir percepções a partir de onde somos sociais, não somente por conveniência, mas por desejos, anseios e frustrações. (SILVA, 2001, p. 11).

Como contribuição à esta pesquisa, as participações nos eventos propostos pelo Centro de Preservação Cultural (CPC) da USP, nos fizeram ter uma maior compreensão quanto a uma atuação separada deste Centro das ações dos outros agentes, integrantes da Rede Social Bela Vista. Nossa principal hipótese é que esta atuação do agente Casa de Yayá seja apartada, principalmente em decorrência de um modelo de cultura hegemônico, institucional e elitista. Quando observamos a interculturalidade e comunicabilidade manifestada no Bixiga, entendemos como esse tecido ramificado ou capilarizado construído ao longo dos anos sobre muitas camadas de sentidos, de afetos e saberes, se mostra potencialmente interligado e atuante com as dinâmicas comunicacionais quando nos voltamos às questões dos usos e do direito à cidade.

Um dos agentes, integrante da Rede Social Bela Vista, que mais tivemos contato ao longo deste trabalho, foi o Instituto Bixiga de Pesquisa, Formação e Cultura

Popular. Em suas redes sociais⁴⁰ o Instituto se apresenta como assessoria, consultoria, pesquisa, formação continuada, educação popular, orientados pelas dimensões social, histórica, econômica, jurídica, artística, cultural e ambiental. Fundado e dirigido por três professores e pesquisadores com formação em História e Ciências Sociais, o Instituto oferece aulas, palestras, seminários e cursos a preços acessíveis com temas que envolvem suas linhas de pesquisa como por exemplo história social e crítica da origem e desenvolvimento dos direitos humanos, lutas sociais e o movimento e história da infância e territórios negros na cidade de São Paulo. Em um imóvel na rua dos Ingleses adaptado (na parte de cima residência e na parte de baixo sala de aula), o Instituto também oferece aulas e cursos voltados para estudantes sem uma ligação direta com seus temas e pesquisas, como por exemplo “Oficinas para desenvolvimento da escrita acadêmica”.

Nos anos de 2018 e 2019, participamos da programação chamada de “Rolê SP”. Esses eventos consistiam em andar a pé por alguns bairros de São Paulo, com o objetivo de em uma manhã ou tarde, ir mostrando algumas áreas ou locais da cidade que tivessem sido palco de eventos relatados na historiografia do local. Participamos de dois destes eventos: o primeiro “RolêSP: Territórios Negros no Bixiga: Lutas e Resistência no Quilombo Saracura”, o segundo “História do Bairro do Bixiga – Reduto Multicultural de São Paulo”. Com uma abordagem simples e didática, os professores vão apresentando parte e versões da história, sem a formalidade acadêmica, mas amparado em fontes de fácil acesso e consulta.

Muitos temas e cursos não são sobre o Bixiga, como, por exemplo, os cursos voltados sobre a luta pela preservação dos direitos da infância e das mulheres na época da Ditadura. Mas por estar “dentro do Bixiga” os temas sobre o bairro inevitavelmente foram integrados à linha de pesquisa dos pesquisadores e não pudemos confirmar, mas aparentemente, são os cursos/eventos com maior audiência e público, uma vez que para quem não conhece ou nunca teve acesso ao Bixiga, a impressão é que o bairro levou à criação de um instituto de pesquisa para estudos sobre sua formação e desenvolvimento.

Ao longo deste trabalho e principalmente após estarmos em contato com a Rede Social Bela Vista, era muito comum nos depararmos com uma certa alternância

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/institutobixiga/about/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

nos temas e assuntos discutidos e compartilhados com a comunidade ou mesmo entre os agentes nas reuniões da Rede. A grande maioria dos agentes, possuem atuações características de ONG'S e associações comunitárias e, mesmo que não tenhamos registrado uma espécie de mapeamento ou categorização mais detalhada, pudemos observar que estes grupos estão no Bixiga há alguns anos e mantém uma certa alternância nas suas frentes de atuação.

Observamos que há uma estratégia de negociar com os temas em voga na sociedade e que, indiretamente, o protagonismo do coletivo ou grupo que tomará ou conduzirá uma atividade, evento ou festa, tem que estar relacionado a este assunto em pauta. Verificamos também que alguns assuntos possuem uma certa posição protagonista em determinados momentos, como por exemplo, a discussão judicial em torno do Parque do Bixiga. O Parque do Bixiga é uma reivindicação que ao longo dos últimos dois anos, pudemos ver em muitos eventos ou festas no Bixiga, mesmo que tais eventos não estivessem vinculados ao tema. Por exemplo: durante uma comemoração que celebrou os doze anos da Casa do Mestre Ananias, em abril de 2019, em um determinado momento do evento o responsável pela festa pediu atenção de todos que ali estavam e comentou a importância de os moradores, frequentadores e simpatizantes do bairro se engajarem e militarem pela defesa da aprovação e criação do Parque do Bixiga.

Outro fato que exemplifica esta alternância de atuação entre os membros da Rede Social Bela Vista, é a criação do projeto “Negros no Bixiga”. Segundo suas páginas individuais nas redes sociais⁴¹ o projeto surgiu a partir da ideia de um morador do bairro e membro da Rede junto ao “Espaço Rocha” (coletivo que se auto denomina casa de cultura), com o objetivo de dar visibilidade à história negra no tradicional bairro. Interessante mencionar que muitas propagandas do projeto “Negros no Bixiga” foram divulgadas nas redes sociais não só dos anfitriões ou responsáveis pelo projeto em questão – no caso, a Casa Rocha – mas também por outros agentes da Rede, como por exemplo A Casa do Mestre Ananias ou o Instituto de Pesquisa Bixiga. É como se para dar maior visibilidade ao evento, os convites ou a divulgação devessem partir dos agentes que estivessem protagonizando temas em voga naquele momento.

⁴¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/mestreanalias/?__tn__=%2Cd%2CP-R&eid=ARAr8bMso2jtltycxgxmNOpiqA0YdVJO70eGQfXkV0rLit-gjLi63TnsHM3Xbf9unsXfBsF0mIICVIju>. Acesso em: 26 mai. 2019

De certa maneira, não podemos afirmar se há uma dinâmica intencional ou não, mas observamos que a Rede Social Bela Vista tem um certo cuidado em manter em evidência assuntos que sempre estejam sendo discutidos mais amplamente. Além disso, há também uma certa alternância no enfoque de visibilidades aos atores em destaques, para sempre manter em evidência assuntos importantes e que estejam no interesse da maior quantidade de pessoas. Isso se revela uma importante estratégia dos ativistas da Rede, atuando em torno de temas e pautas principais, no estímulo da participação e engajamento dos vários atores em pautas comuns na busca pelo fortalecimento e efetividade delas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos esta pesquisa, tínhamos em mente como objetivo inicial uma suspeita de que no Bixiga as dinâmicas comunicacionais e culturais acontecessem de maneira mais intensa e complexa do que nos outros territórios da cidade. Em princípio, suspeitávamos que esta tal intensidade fosse em decorrência dos agentes que participavam, criavam e produziam a cultura no local. Seja através da música, teatro ou gastronomia, sem conhecer mais profundamente o Bixiga, atribuímos mais capacidade de agenciamento aos atores externos (frequentadores, consumidores da vida noturna) do que no próprio Bixiga. Não tínhamos ideia no que e como nosso sujeito de pesquisa se apresentaria e quais informações nos daria, mas suspeitávamos que de maneira muito potente nosso sujeito de pesquisa teria uma participação bastante ativa, se assim podemos dizer.

Antes das análises teóricas que embasaram este trabalho, nos deparamos com uma gama de possibilidades de estudos no Bixiga os quais não poderiam ser totalmente ignorados. Assim, focamos em apresentar os pontos em que pudemos observar as características e semelhanças com o que nos sugeriam as teorias que seguimos ao longo da pesquisa. Não nos preocupamos em encontrar ou identificar modelos ou padrões que uniformizassem as dinâmicas e as relações entre o bairro e seus múltiplos agentes, mas sim investigar os conflitos e contradições que compõem as várias camadas de sentidos que forma uma grande rede produtora de afetos, ações e sentidos.

Para Gonçalves:

O bairro do Bixiga é laboratório de estudos das dinâmicas transformadoras da evolução urbana de São Paulo e dos fenômenos de fragmentação, sobreposição, justaposição e demais operações do tecido urbano da área central. (GONGALVES, 2016. p. 150).

Segundo a autora, quando buscamos compreender algumas lógicas sobre usos dos espaços das cidades, como por exemplo, no processo de apropriação do espaço urbano, há que se refletir sobre qual está sendo a participação da população. Ou ainda, como legislar sobre o desejo dentro de todas as contradições da população e ainda garantir seus interesses? (GONCALVES, 2016).

A análise de outros questionamentos já levantados e as discussões propostas por outros autores e outras áreas de conhecimento também foram levados em conta quando voltamos nossos olhos ao emaranhado de fios e fluxos que compõem a trama do Bixiga. Sabíamos que este trabalho não forneceria respostas ou receitas, identificando possíveis padrões no entendimento das dinâmicas comunicacionais. Porém tínhamos a noção que o sujeito Bixiga nos levaria para outras possibilidades, não necessariamente as que estávamos supondo no início da pesquisa, mas que estávamos interessados nestas outras maneiras que nos trouxessem compreensões sobre o Bixiga.

Um dos objetivos iniciais deste trabalho era a busca pela compreensão e o entendimento das dinâmicas comunicacionais no Bixiga e consequentemente, um melhor entendimento das relações sociais, culturais e urbanas. Em busca de cumprimos este objetivo iniciamos por analisar as questões atuais sobre o viver nas cidades e nos deparamos com os argumentos de Harvey (2014) se mostrando essencialmente pertinentes com nossas suspeitas, que nos explica que somente quando tivermos o real entendimento de que quem constrói e mantém a vida urbana tem uma exigência fundamental sobre suas produções e que uma delas é direito inalienável de criar uma cidade mais em conformidade com seus verdadeiros desejos, é que chegaremos a uma política do urbano que venha a fazer sentido.

Pudemos presenciar no Bixiga estas muitas maneiras outras de viver a cidade, como por exemplo, a utilização dos equipamentos culturais tanto pelos próprios moradores quanto para qualquer frequentador da cidade que nunca esteve ou conheceu o bairro.

Ao nos deparamos com a maneira de agir e de se relacionar entre os múltiplos agentes do bairro e no bairro, desmembramos temporariamente a concentração em pontos distintos de análise. Primeiro, a consideração da interculturalidade (CANCLINI, 2009) entre os múltiplos agentes do Bixiga: repetimos muitas vezes ao longo da pesquisa que o uso das noções sobre a interculturalidade nos permitiu descrever e interpretar de maneira mais profunda o que acontece quando agentes/sujeitos interagem, disputam e negociam em suas maneiras de convívio, com formações culturais diferentes. Mais do que isso, tomar o uso das noções sobre interculturalidade nos permite também assumir o início das reflexões propostas por Canclini (2009) sobre outras maneiras de melhorarmos o convívio com o outro, não somente

admitindo as diferenças, mas também valorizando ou hierarquizando-as sem cair em discriminações (p. 145).

Nesse sentido, as noções de interculturalidade nos permitiram enxergar a espessura densa e complexa das muitas camadas de sentidos que compõem o Bixiga, considerando que esta espessura complexa existe justamente em decorrência das relações e intercâmbios entre agentes de formações culturais tão distintas. Tomar as noções de Canclini (2009) quando pensamos nas dinâmicas comunicacionais entre os negros, os imigrantes (para o senso comum – os italianos) e os nordestinos, faz mais sentido e nos traz mais clareza tanto quando olhamos os sujeitos de estudos, como quando pensamos no exemplo do conceito perfeitamente visível no caso do Bixiga.

O segundo ponto que pudemos visualizar foi a maneira de atuação dos agentes do Bixiga. Nas atividades e ações e no modo de agir em uma rede interligada e superconectada, tendo suas estruturas interlaçadas e flexíveis tivemos uma ideia das ações de tais associações, movimentos e grupos que estimularam de maneira orgânica em suas práticas, o uso da cultura como recurso (YÚDICE, 2002), tendo sempre em vista a busca por atingir seus objetivos locais e específicos, aliados ao consumo cultural e em alguns casos, possibilidades de ativismo político e social. Para Yúdice (2002), o uso da cultura pelos atores envolve planejamento, gestão, divulgação enfim, um ecossistema do campo cultural.

Nas atividades da Rede e de seus muitos coletivos que ali se conectam, percebemos este uso da cultura como forma de visibilidade, fortalecimentos das fibras do tecido social (YÚDICE, 2005), na medida em que assumem-se como sujeitos que perfazem sua atuação entre muitas vozes e interesses, seja as da iniciativa privada, do Estado, das ONGs, construindo seu espaço de atuação na negociação entre lógicas mais liberais de incremento à cultura e lógicas mais alternativas a isso, mais colaborativas, e até comunitárias. Utilizam-se, assim, de táticas e astúcias (CERTEAU, 1994) como maneira de encontrar brechas frente às forças hegemônicas, uma vez que o grupo de moradores e agentes culturais conseguem através de eventos e encontros apoiados no uso da cultura criar formas e mecanismos de visibilidades para conquistarem aliados, defensores e simpatizantes por suas causas.

As formas de atuação dos integrantes da Rede Social Bela Vista quanto a programação cultural de atividades, eventos e festas de ruas pelo Bixiga, é um

exemplo do conceito de Yúdice (2002) sobre o uso da cultura como recurso. O autor nos explica que a cultura pode ser utilizada tanto para resolver problemas sociopolíticos, quanto para ser um instrumento que impulsiona a geração de emprego e o desenvolvimento econômico. Em seu trabalho, Yúdice (2002; 2015) explica que além de facilitadora na resolução de problemas sociais como intolerância e diversidade, a cultura utilizada por seus agentes que estão sempre atuando em uma rede complexa e interconectada, passa a ser mote para expressão e emancipação que incide sobre todos e entre todos, proporcionando o que o autor chama de cidades culturais. Sendo assim, “a cultura é conveniente enquanto recurso para se atingir um fim. A cultura enquanto recurso é o componente principal do que poderia definir-se como uma episteme pós-moderna” (YÚDICE, 2013. p. 56).

Outra questão importante que mereceu a dedicação de um capítulo desta pesquisa, foi a escolha da metodologia que usamos como forma de apreensão da cidade. O uso das derivas etnográficas como um método nos possibilitou compreender como as dinâmicas comunicacionais ocorrem, podendo participar dos “*making-offs*”, os processos, as emergências e observando quem são os agentes envolvidos e como atuam. As derivas urbanas contribuíram grandemente para este trabalho. Além de somente conseguirmos acessar uma “camada” da Rede Social Bela Vista por estarmos em uma das muitas derivas e visitas ao Bixiga; durante um dos exercícios, foi possível verificar que os moradores da região se ajudam mesmo sem ter um envolvimento “institucional” entre os agentes em questão. Por exemplo, mesmo sem ser participante das atividades da Casa do Mestre Ananias ou sem ser um capoeirista ou nordestino, é possível encontrarmos moradores do bairro não só participando das atividades ou eventos propostos pela Casa, mas colaborando com os preparativos e com a organização dos eventos.

Usamos as noções de corpografia urbana, no diálogo com Pereira e López-Moya (2018) e Jacques (2008), sob a noção de uma espécie de cartografia realizada no corpo e pelo corpo. Este tipo de cartografia leva em consideração as experiências e memórias pertencentes em quem está cartografando, e as grafias urbanas resultantes da experiência de cartografar e que inevitavelmente interage com a cidade no exato momento da cartografia. O maior exemplo disto foi a experiência de termos tido acesso à Rede Social Bela Vista, em um destes exercícios.

Logo, as noções sobre uma outra maneira de cartografar a cidade nos permitiram, mais do que uma forma de apreender a cidade, visualizar e perceber as dissidências no bairro do Bixiga. Os conflitos locais e pertinentes aos usos da cidade, a utilização da cultura como recurso e as negociações, interpretações e apropriações das produções locais; tudo isso foi melhor percebido quando estávamos em um contato com o Bixiga, na ordem e na escala do corpo. As caminhadas ou visitas exploratórias ou contemplativas nos possibilitaram vivenciar e visualizar as brechas criadas pelos agentes em seu modo de convivência em rede e nas dinâmicas comunicacionais que era o cerne inicial desta pesquisa.

Visto que, estarmos em derivas, (roteirizadas ou indefinidas) pelo Bixiga, nos possibilitou enxergar sob muitas nuances e de muitas maneiras, um outro Bixiga que de certa maneira, não é o que o senso comum habitualmente retrata, e que inevitavelmente faz parte da composição do bairro como em qualquer outro bairro de grandes cidades ou até mesmo, da grande São Paulo:

Inserido em uma cidade constantemente alterada em nome de uma lógica que contempla e prioriza os interesses de uma minoria, o Bixiga se destaca, ao mesmo tempo em que revela embates profundos entre sua população residente ou usuária e suas dinâmicas de produção de espaço. Apesar de intensamente estigmatizado ao longo de sua história como um bairro pobre destinado a abrigar uma população marginalizada de ex-escravos, imigrantes italianos e migrantes nordestinos, a própria segregação socioespacial não se fez acomodar enquanto uma força expulsória e excludente, mas consolidou uma dinâmica outra na cidade. (GONÇALVES, 2016, p. 304).

Problemas como concentração dos lixos nas ruas, barulhos causados pelas festas de ruas e casas noturnas, muitas residências em condições precárias por ausência de manutenção e até mesmo saneamento básico, foram visualizados e percebidos nos exercícios de derivar pelo bairro. Interessante ressaltar que os próprios agentes pontuam a necessidade de se falar e tentar achar possíveis formas de atuação e combate às mazelas que acompanham o crescimento das grandes cidades. Porém, estar em contato na escala do corpo, além de nos permitir vivenciar a maneira de atuação dos agentes em ação, também nos causa uma provocação na maneira que agimos e pensamos não só como pesquisadores, mas também como pessoa.

Infelizmente, em decorrência da limitação de tempo para a realização deste trabalho, fomos buscando gradativamente um estreitamento no enfoque dos agentes

e coletivos observados na tentativa de relatar o que vimos em campo quando confrontado com as teorias estudadas e analisadas; e esta estratégia reduziu as possibilidades de um detalhamento mais amplo e mais aprofundado de todos os agentes que compõem a Rede Social Bela Vista. Também não foi possível utilizarmos a criação de mapas ou cartografias dos agentes para exemplificar ou detalhar além das limitações oficiais do bairro, os territórios afetuais que seus agentes reivindicam. Porém ressaltamos que a Rede é de fato um microcosmo ou um ponto de observação importante de lógicas e dinâmicas mais amplas e globais que vêm ocorrendo no bairro do Bixiga na atualidade, entre empreendedorismos, criatividades, economias e práticas culturais alternativas e colaborativas, em seus limites e possibilidades (PEREIRA; AVELAR, 2019).

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Vol. 3. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRÁS, João Marcelo Flores. **A Casa do Mestre Ananias**: o sentido social da capoeira. Anais do 14º Encontro nacional de música e mídia – Espaços, passos, compassos: os lugares da música. São Paulo, set. 2018.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____; URTEAGA POZO, Maritza; CRUCES, Francisco. **Jóvenes, Culturas Urbanas Y Redes Digitales**. Madri: Ariel/Telefônica, 2012.

CANEVACCI, Máximo. **Metrópole Comunicacional**. Revista USP, São Paulo, n.63, p. 110-125, set./nov., 2004.

_____. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a Antropologia da Comunicação urbana. São Paulo: Studio-Nobel, 2004.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELGADO, Manuel. **El animal público**: hacia uma antropología de los espacios urbanos. Barcelona: Ed. Anagrama, 1999.

FERNANDES, Cintia; HERSCHEMANN, Micael. **Usos da cartografia nos estudos de comunicação e música**. Fronteiras, Estudos midiáticos, v. 17, n. 3, p.290-301. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2015.173.03/4989>>. Acesso em: 10 set. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1975

GONÇALVES, Camila Teixeira. **Intervenções Contemporâneas no Bixiga: fissuras urbanas e insurgências**. 2016. 442f. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Instituto de Arquitetura de Urbanismo - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

GRUSPUM, Haim. **Anatomia de um bairro, O Bexiga**. São Paulo: Cultura, 1979.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Contexto/Ed.UFF, 2002.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura**. In: Media and Cultural Regulation. 1997. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2017.

_____. **Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito a cidade a revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACQUES, Paola. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LANNA, Ana Lúcia Duarte et al. (Org.). O Bexiga e os italianos em São Paulo. In: **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda, 2011.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA; EDUSC, 2012.

LEFEBRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARINELLI, Edson. **A saga do migrante nordestino em São Paulo**. São Paulo: Revista Educação-UNG-Ser, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/49>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

MARINO, Aluisio. **Cultura, Periferia e Direito à Cidade: coletividade em São Paulo e Bogotá**. Revista Políticas Públicas & Cidades. v.3, n.3, p.4 – 25, set./dez, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004

MONTEIRO, Rafael. **Nos Enredos do Saracura**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

_____. **Contradições**. Artigo publicado na Revista *FLANEUR – Fragments of a Street* -TREZE DE MAIO. Issue 07, São Paulo, 2018, p. 57-65.

NORA, Pierre. **Entre memórias e história: A problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo, PUC/SP, 1993.

PEREIRA, Simone L. Alternativos, autorais, resistentes: coletivos musicais, festas e espaços de música em São Paulo. In: Fernandes, Cintia; Herschmann, Micael (Orgs). **Cidades musicais**: comunicação, territorialidade, política. Porto Alegre: Sulina, 2018.

PEREIRA, Simone L. **Circuitos de festas de música alternativa na área central de São Paulo**: Cidade, corporalidade e juventude. FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia. v. 24, n. 2, 2017.

PEREIRA, Simone L.; LÓPEZ MOYA, Martin. **De músicas, sons e dissonâncias**: experiências de pesquisa nas ruas de duas cidades. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Culturas Urbanas do 41º Congresso INTERCOM. Joinville / Brasil, 2018.

PEREIRA, Simone L.; AVELAR, Milena S.. **Dinâmicas comunicacionais urbanas no bairro do Bixiga (São Paulo/Brasil)**: música, produção de multiterritórios e derivas. *Alaic - GT Comunicación y ciudad*. São Jose / Costa Rica. 2018.

RESTREPO, Eduardo. **Etnografia**: alcances, técnicas y éticas. Bogotá: Envion editores, 2016.

ROCHA, Rose M.; PEREIRA, Simone L.. **Ativismos juvenis como artesania de uma outra democracia**: comunicação, consumo e engajamento político. *Comunicação e Sociedade*, v. 39, n.3, p. 161-188, 2017.

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros em São Paulo**: uma história. Folha de São Paulo, São Paulo, 1986. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br//leitor.do?numero=9639&anchor=4304571&pd=4cb5371f21c059072e30d8ef82f87103>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SCHNECK, Sheila. **Bexiga**: cotidiano e trabalho em suas interfaces com a cidade (1906-1931). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

_____. **Formação do bairro do Bexiga em São Paulo**: loteadores, proprietários, construtores, tipologias edilícias e usuários (1981-1913). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SELDIN, Claudia. **Da capital da cultura à cidade criativa**: resistências e paradigmas urbanos sob a inspiração de Berlim. 2015. 225 f. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

VIVANT, Elsa. **O que é uma cidade criativa?** São Paulo: Editora SENAC, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011.

WISNIK, Guilherme. **Duas faces divididas por um viaduto.** Artigo publicado na revista *FLANEUR: Fragments of a Street* -TREZE DE MAIO. Issue 07, São Paulo: 2018, p. 247-252.

ÝUDICE, George. **A Conveniência da Cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.